



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do
Desenvolvimento e Aprendizagem**

**O FENÔMENO *BULLYING* EM ESCOLARES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Gilene Fernanda Silva

**Bauru
2015**

GILENE FERNANDA SILVA

**O FENÔMENO *BULLYING* EM ESCOLARES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem, da Universidade
Estadual Paulista – Campus de
Bauru.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia Gracy Martins do Valle

Bauru

2015

Silva, Gilene Fernanda.
O fenômeno *bullying* em escolares do Ensino Fundamental / Gilene
Fernanda Silva, 2015
74 f.

Orientadora: Tânia Gracy Martins do Valle

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências, Bauru, 2015

1. Bullying escolar. 2. Violência entre pares. 3. Ensino fundamental.
I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GILENE FERNANDA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 25 dias do mês de fevereiro do ano de 2015, às 09:30 horas, no(a) Sala 02 do prédio da Pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA GRACY MARTINS DO VALLE do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. DENISE DASCANIO do(a) Departamento de Psicologia / UNIP, Profa. Dra. CARMEN MARIA BUENO NEME do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GILENE FERNANDA SILVA, intitulada "O fenômeno bullying em escolares do Ensino Fundamental". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA _____ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. TANIA GRACY MARTINS DO VALLE


Profa. Dra. DENISE DASCANIO


Profa. Dra. CARMEN MARIA BUENO NEME

GILENE FERNANDA SILVA

O fenômeno *bullying* em escolares do Ensino Fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Universidade Estadual Paulista – Campus de Bauru.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Tania Gracy Martins do Valle – Orientadora
Faculdade de Ciências – UNESP

Prof.^a Dr.^a Carmen Maria Bueno Neme
Faculdade de Ciências – UNESP

Prof.^a Dr.^a Denise Dascanio
Universidade Paulista - UNIP

Dedico esse trabalho à minha querida mãe Geny que sempre me apoia em meus projetos. Obrigada por tudo que faz por mim. Te amo!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela graça concedida e por ter ouvido minhas orações.

À minha família que sempre apoia meus projetos.

Ao namorado, Roberto Takeshi Maekawa pela torcida e compreensão nas horas que não pude dar muita atenção e por compreender que o caminho acadêmico é longo...

À Prof.^a Tânia Gracy Martins do Valle que sem me conhecer aceitou o desafio de me orientar e o fez com muito carinho, serenidade e sabedoria.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela oportunidade e à secretária Gethiely, sempre atenciosa e rápida nos e-mails.

Aos professores das disciplinas que cursei nas quais aprendi muito sobre o ser humano e seus comportamentos.

À Prof.^a Vera Lúcia Messias Fialho Capellini que desde a graduação foi minha inspiração na luta pela superação e realização de sonhos.

À doutoranda Rafaela Almeida Schiavo pela ajuda estatística e disponibilidade.

À professora Denise Dascanio, que com muito cuidado leu meu trabalho, realizou observações pontuais e importantes e também ajudou na realização de testes estatísticos.

As professoras doutoras Carmen Maria Bueno Neme, Relma Urel Carbone Carneiro, Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, por terem aceitado prontamente participar da banca e contribuir para o aperfeiçoamento da minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Marcelo Carbone Carneiro pelas dicas na minha Jornada de Processos Seletivos.

Ao professor Willian Devis Volponi Antunes que auxiliou na revisão ortográfica e na construção do Abstract.

À professora Eliane Ribeiro Gomes que aceitou o desafio e realizou a revisão gramatical.

À amiga Renata Leme Nahum por me ajudar nos gráficos, sem ela eles não ficariam tão lindos.

Aos amigos da Igreja Adventista do 7^o dia do Geisel pelas orações e torcida.

Às diretoras e alunos das escolas nas quais fiz a coleta, sem os quais nada teria acontecido.

Aos colegas de trabalho que torceram e acompanharam a correria.

Aos colegas de turma que conheci e pelos laços que criamos.

Aqueles que não acreditaram e colocaram barreiras no meu caminho, acredito que somente fortaleceram minha vontade e convicção de que estou no caminho certo!

“...mas aqueles que esperam no Senhor, renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.” Isaías 40:31

“Senhor, dá-me uma partícula da tua sabedoria para que um dia eu possa ter a certeza de que cumpro com lealdade a difícil tarefa de cultivar mentes abertas e independentes dentro do contexto social. Só assim, Senhor, eu terei o orgulho de um vencedor que soube conquistar e honrar o nobre título de Mestre!” (autor desconhecido)

“O sucesso é determinado não por: se você encara ou não os obstáculos. E, sim, pela sua reação a eles. E se você olhar para todos os obstáculos como uma cerca fechada, eles se tornam a sua desculpa para o fracasso. Se olhar como uma corrida com obstáculos, cada barreira o fortalece para a próxima e nada pode detê-lo”. Ben Carson

SILVA, Gilene Fernanda. **O fenômeno *bullying* em escolares do Ensino Fundamental**. 2015. (74 p.) Dissertação. (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

RESUMO

O fenômeno *bullying* vem sendo cada vez mais abordado nos meios de comunicação. A violência e o preconceito crescem de forma acelerada em todas as classes sociais. Chutes, ameaças, empurrões, xingamentos, roubo de pertences, ridicularizações, seja na escola, pela Internet ou em outros locais, são “brincadeiras de mau gosto”, que podem acarretar sérias consequências aos envolvidos. As agressões acontecem sempre em desigualdade de poder, isto é, sempre o mais forte contra o mais fraco. Este estudo teve por objetivo caracterizar o *bullying* em escolares do Ensino Fundamental. Utilizou-se para a coleta de dados, um questionário, elaborado pela pesquisadora. Participaram 309 alunos, 142 do sexo masculino e 167 do sexo feminino, do 6º ao 8º ano do E.F., de duas escolas, uma estadual e outra municipal, da cidade de Bauru - SP. Os resultados apontaram que 27% (n=84) dos participantes envolveram-se em episódios de *bullying*. Foram identificados 61 alunos no papel de vítima, 8 vítimas agressoras e 15 agressores. O tipo de *bullying* mais prevalente foi o verbal, sendo apontado por 92% das meninas e 84% dos meninos; seguido do psicológico, assinalado por 70% das meninas e 53% dos meninos. O *bullying* físico, contou com 46% de relatos femininos e 44% masculinos, o material foi mencionado por 27% das meninas e 16% dos meninos. No *bullying* tipo sexual houve maior diferença entre os sexos, sofrido por 38% das meninas e por 16% dos meninos. Mesmo em meio a era digital, somente 13% das meninas e 12% dos meninos, mencionaram sofrer o *bullying* virtual. Os meninos destacaram-se entre os agressores, seja do tipo direto ou indireto, dado que diverge da literatura, pois diversos autores afirmam que os meninos praticam mais o *bullying* físico (direto). Por sua vez, corroborando com pesquisas da área, no presente estudo as meninas foram mais vítimas. A sala de aula foi o local de maior ocorrência dos casos. De acordo com as vítimas, a aparência física é o motivo mais evidente que pode desencadear episódios de *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying* escolar. Violência entre pares. Ensino Fundamental.

SILVA, Gilene Fernanda. **The *bullying* phenomenon at Basic Education schools**. 2015. (74 p.) Thesis. (Master in Psychology of Development and Learning) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

ABSTRACT

The *bullying* phenomenon is appearing more and more at the mass media. Violence and prejudice grows rapidly among all social classes. Kicks, threatening, pushing, bad language, belongings stealing, ridiculing, at school or the internet, are “bad jokes” that can lead to hard consequences for those involved. Aggressions happen always from the strong to the weak, figuring a power disparity. This study has seeks to characterize *bullying* at Basic Education schools. There is a database from a questionnaire drawn up by the researcher herself, which is based upon some researchers from this particular area. Some 309 students have participated, 142 males and 167 females, from 6th to 8th grade of Basic Education from two schools of the town of Bauru, SP - one of these schools is conducted by the city, the other is conducted by the State of São Paulo. Results show that 27% (n=84) from those students had already got involved in *bullying* episodes. There were identified 61 students playing the role of victims, 8 playing the role of aggressive victims, and 15 aggressors. The more common type of abuse girls and boys have suffered is verbal *bullying*, appointed by 92% of girls and 84% of boys; follows the psychological aggressions, appointed by 70% of girls and 53% of boys. Physical aggressions were related by 46% of girls and 44% of boys, and material aggression were reported by 27% of girls and 16% of boys. Sexual bulling was the most disparate between both sexes, being referred by 38% of girls and 16% of boys. Even at a digital age, only 13% of girls and 12% of boys reported virtual bullying. All kind of *bullying* are performed mostly by boys, directly or indirectly, an information that is different from the actual literature - for various authors state that boys usually perform physical *bullying* more frequently (direct). But this research goes along with main researches in the field, once girls where the most afflicted by aggressions. The classroom was the most common place of those conflicts. Accordingly to the victims, physical appearance is the most evident motive of being bullied by someone.

Keywords: School *Bullying*. Violence among peers. Basic education.

Lista de Ilustrações

Quadro 1 - Ações relacionadas ao <i>bullying</i>	18
Quadro 2 - Quadro síntese - O <i>Bullying</i> no Reino Unido	22
Quadro 3 - Consequências para as vítimas	23
Quadro 4 - Consequências para os agressores	24
Quadro 5 - Fatores de risco para os agressores e vítimas	25
Figura 1 - Quantidade de amigos na escola	33
Figura 2 - Sofreu <i>bullying</i> ?	37
Figura 3 - Tipo de <i>bullying</i> sofrido por meninos e meninas, considerando as escolas A e B	39
Figura 4 - Onde ocorrem os episódios de <i>bullying</i>	41
Figura 5 - Para quem falou que sofre <i>bullying</i>	42
Figura 6 - Motivos para sofrer <i>bullying</i>	43
Figura 7 - Sofre e pratica <i>bullying</i>	44
Figura 8 - Por que a vítima agressora pratica <i>bullying</i> ?	45
Figura 9 - Agressores divididos por sexo	46
Figura 10 - Por que o agressor pratica <i>bullying</i> ?	47
Figura 11 - Quem ajuda o agressor na prática do <i>bullying</i>	47
Figura 12 - Ações da direção contra a violência	49

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos alunos por escola, idade e sexo	32
Tabela 2 - Tipos de família ou moradia	34
Tabela 3 - Quantidade de irmãos	35
Tabela 4 - Síntese dos dados de <i>bullying</i>	36
Tabela 5 - Sofre <i>bullying</i> por escola e sexo	38
Tabela 6 - Quem pratica <i>bullying</i> contra meninos e meninas	40
Tabela 7 - Quem é mais violento na sua escola	48

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Definição, características dos envolvidos e tipos de <i>bullying</i>	14
1.2 Idade mais atingida e diferença entre os sexos.....	19
1.3 Locais de ocorrência mais frequentes, consequências para as vítimas e agressores	21
2 OBJETIVOS.....	26
2.1 Objetivo geral.....	26
2.2 Objetivos específicos.....	26
3 MÉTODO.....	27
3.1 Local.....	27
3.2 Participantes.....	27
3.3 Instrumento de pesquisa.....	27
3.3.1 Estudo piloto.....	29
3.4 Procedimentos éticos.....	30
3.5 Procedimentos de coleta de dados.....	30
3.6 Procedimentos de análise dos dados.....	31
4 RESULTADOS	32
4.1 Caracterização dos participantes.....	32
4.1.1 Família.....	34
4.2 Dados de <i>bullying</i>	36
4.2.1 Síntese dos dados de <i>bullying</i>	36
4.2.2 Sofreu <i>bullying</i> ?.....	37
4.3 A vítima.....	38
4.3.1 Tipos de <i>bullying</i> sofrido por participantes do sexo masculino e do sexo feminino e quem os pratica.....	39
4.3.2 Onde ocorrem os episódios de <i>bullying</i>	41
4.3.3 Para quem a vítima fala que sofre <i>bullying</i>	42
4.3.4 Por que a vítima sofre <i>bullying</i>	43
4.4 A vítima agressora.....	44
4.4.1 Motivos que levam a vítima agressora a praticar <i>bullying</i>	45
4.5 O agressor.....	46
4.5.1 Motivos que levam o agressor a praticar <i>bullying</i>	47

4.5.2 Quem ajuda o agressor a praticar atos de <i>bullying</i>	47
4.6 Violência na escola.....	48
4.6.1 Sugestões para diminuir a violência na escola.....	49
5 DISCUSSÃO.....	50
5.1 Caracterização do <i>bullying</i> em escolares de Ensino Fundamental.....	50
5.1.1 Tipo de <i>bullying</i> prevalente na população estudada.....	51
5.1.2 O <i>bullying</i> entre adolescentes, diferenças entre sexo masculino, feminino, escola municipal e estadual.....	52
5.1.3 Local de maior ocorrência de eventos de <i>bullying</i>	53
5.1.4 Possíveis motivos que podem levar a episódios de <i>bullying</i>	54
5.2 Limitações do estudo e sugestões para novas investigações.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICES.....	65
ANEXOS.....	70

APRESENTAÇÃO

Percebe-se que o tema *bullying* é bastante explorado pela mídia. Isto ocorre, porém, de forma banalizada e equivocada, pois é um fenômeno com características próprias. Um estudo aprofundado sobre os conceitos e características do *bullying*, possíveis motivos, frequência dos episódios, poderá ajudar os leitores que fazem parte da equipe gestora, professores ou pais, a incentivarem os alunos a procurar ajuda e adotar medidas de enfrentamento, tanto os que sofrem agressão quanto os agressores, buscando minimizar as ocorrências nas escolas, a diminuição do preconceito nas salas de aula e a construção de uma cultura da paz e tolerância.

Ao longo da minha experiência na área da Educação tanto acadêmica quanto prática, ouço relatos de alunos que enfrentam várias barreiras relacionadas a esse tipo de violência específica e repetitiva. Assim a ideia da pesquisa partiu da busca de respostas para as questões sobre o *bullying* e a violência escolar. Outra motivação para estudar o fenômeno foi minha experiência pessoal durante a adolescência, em que um grupo de meninos cantava na rua e na escola músicas zombando meu nome. As consequências são que até hoje, sinto desconforto com isso, fato que me fez iniciar um processo de troca de nome. E para terminar essa apresentação ofereço um poema a você prezado leitor.

Bullying, nome bonito pra quem não conhece,
Mas quem vive não esquece.
Gostoso é rir dos outros, brincar,
Mas essa brincadeira pode magoar.

Um dia vivi esse drama
Só por causa do meu nome,
Queria poder não lembrar
Mas, como? Se não dá,
O jeito é trocar!

Se você sofre, um conselho vou te dar
Não é possível a todos agradar.
Por isso, a melhor forma para superar
É não ligar e ser feliz! (*Autoria própria*)

1 INTRODUÇÃO

1.1 Definição, características dos envolvidos e tipos de *bullying*

Para contextualizar a origem dos estudos sobre o *bullying*, nos remetemos ao ano de 1982, na Noruega, quando três meninos, com idade entre 10 e 14 anos suicidaram-se, como resultado de assédio de seus pares. A partir desse episódio, o pesquisador norueguês, Dan Olweus, da Universidade de Berger, que já estudava o fenômeno desde a década de 70, deu início a um estudo para investigar a frequência e causas que levavam à prática do *bullying*. Olweus reuniu 84 mil estudantes, quase 400 professores e aproximadamente 1000 pais de alunos. Ao final de sua pesquisa, constatou que um em cada sete alunos, encontrava-se envolvido em casos de *bullying*, como agressor ou vítima. A partir desse resultado, o pesquisador mobilizou a sociedade ao iniciar uma campanha nacional contra o *bullying*. O programa, que recebeu o apoio do governo da Noruega, conseguiu reduzir a ocorrência dos fatos de *bullying* em 50%, resultado que incentivou países como Inglaterra, Canadá e Portugal a adotarem práticas semelhantes (OLWEUS, 2006).

Na língua portuguesa não há uma tradução exata da palavra *bullying*, mas sua definição pode ser entendida como abuso, intimidação e vitimação. No Brasil, adotou-se o termo *bullying*, que é utilizado na maioria dos países. Sua definição é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo de natureza repetitiva e caracterizada por um desequilíbrio de poder. “Alguns pesquisadores consideram ser necessários no mínimo três ataques contra a vítima durante o ano para sua classificação como *bullying*” (FANTE, 2011, p.28). Olweus (2006), afirma que o *bullying* ocorre somente quando ações violentas são reproduzidas de três a cinco vezes.

Olweus (1993a); Almeida, Lisboa e Caurcel (2007), caracterizam este tipo de violência, quando o indivíduo é perseguido, aborrecido, agredido ou vitimizado repetida e frequentemente, por meio de ações negativas por parte de um ou mais colegas, que se utilizam do próprio corpo ou objetos para provocar danos ou desconfortos de modo intencional. Pereira (2002), descreve o *bullying* como uma forma de comportamento agressivo, geralmente maldosa, deliberada e com frequência persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo as vítimas sempre incapazes de se defender. O autor ainda acrescenta que, três características são básicas para diferenciar o *bullying* de outros tipos de violência:

o mal causado não resulta de provocações; as intimidações são regulares, os agressores em geral são mais fortes e violentos e as vítimas não estão preparadas para se defender.

Bullying é uma variedade de comportamentos adotados por um ou mais indivíduos em relação a outro, podendo ser de caráter físico e/ou psicológico, caracterizado pela sua má intenção, repetitividade e desequilíbrio de poder (MARTINS, 2005). Envolve atos, palavras e humilhações prejudiciais e repetitivas, incluindo ofensas raciais, étnicas e de gênero podendo acontecer no trabalho ou na escola (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Ortega (2003), salienta que a violência ocorre na escola, quando pessoas são maltratadas ou excluídas física, social, psicológica ou moralmente.

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido e não pode ser confundido com outros tipos de agressão, pois difere-se por sua intencionalidade e persistência. Causa nas vítimas muitos traumas e o medo adquirido por meio dos eventos repetitivos, bloqueia a agressividade e o seu bom funcionamento mental. Prejudica o raciocínio, a abstração, o interesse por si e auto percepção, a aprendizagem, a concentração e a autoestima. Apresentam ainda sensações corporais como: taquicardia, sudorese, diurese, dor de cabeça, mal-estar generalizado, sensação de sufocação, cólicas, náuseas, vômitos, diarreias, emoções descontroladas, ideias de vingança e de suicídio (FANTE, 2011).

Para Olweus (1993b), o fenômeno atinge alunos que se mostram mais fracos e indefesos, que não conseguem se proteger ou buscar ajuda contra os apelidos, ataques, xingamentos, ameaças. O *bullying* identifica-se pela intencionalidade de magoar alguém (PEREIRA, 2002; FANTE, 2011). Esperon (2004), demonstra que para configurar o *bullying*, são indispensáveis alguns itens, tais como: o desejo de machucar, agressão, desequilíbrio de força e poder, repetitividade e prazer em ver o outro sofrer.

Para Santos (2009), o *bullying* funciona como uma epidemia invisível na qual atitudes aparentemente despreziosas, “brincadeiras” e apelidos, magoam profundamente o ser humano, deixando marcas como a desmoralização, a humilhação e a perda da dignidade. Essas, podem impedir o desenvolvimento saudável da autoestima e a construção da sua identidade.

Tognetta (2008) e Lopes Neto (2011), utilizam os termos “*alvos de bullying*”, para caracterizar as vítimas, aqueles que sofrem algum tipo de violência, sendo ela direta ou indireta, e “*autores de bullying*”, como aqueles que

violentam direta ou indiretamente, de forma repetitiva e agressiva. “*Testemunhas*”, são os que assistem aos episódios de violência ativa ou passivamente. Nogueira (2007), traz definições de papéis bem semelhantes aos outros autores, porém denomina aluno-alvo típico (alvo); aluno-alvo provocador (alvo); aluno-alvo agressor (alvo) ou aluno-alvo e autor (autor); aluno-autor ou aluno-agressor (autor) e aluno espectador ou testemunha (testemunha).

Nesta pesquisa, optou-se em utilizar as expressões “vítima” (alvo), “agressor” (autor) e “espectador” (testemunha) utilizadas respectivamente por Pingoello (2009), Calhau (2010), Silva (2010) e Fante (2011). As características das pessoas envolvidas com o fenômeno *bullying* são especificadas abaixo conforme descrições oferecidas por Silva (2010) e Fante (2011) sendo:

Vítima típica - geralmente é aquele indivíduo que se mostra frágil fisicamente, não se defende e possui pouca habilidade de socialização. Geralmente são pessoas gordas, baixas ou alta demais, que usam óculos ou com alguma deficiência;

Vítima provocadora - sem perceber ela provoca situações que acabam se revertendo contra si;

Vítima agressora - reproduz os maus-tratos como forma de compensação, sendo vítima usa essa “desculpa” para agredir os colegas;

Agressor - possui traços de desrespeito e maldade, age em grupo ou sozinho, impõe liderança para levar vantagens;

Diferentemente de Fante (2011), Silva (2010) agrega o personagem espectador em três grupos distintos sendo:

Espectador neutro - testemunha os episódios, porém demonstra não ligar para o que está acontecendo e até mesmo omite socorro;

Espectador ativo - ri dos ataques e humilhações das vítimas, não participa ativamente mas pode estar envolvido em alguns ataques e

Espectador passivo - aquele que presencia a ação de violência mas não interfere por medo de ser a próxima vítima.

Um estudo realizado por Lopes Neto (2005), teve por objetivo identificar características pessoais de alunos, em diferentes escolas, que por sua vez, favorecem a manifestação do *bullying*. O autor alcançou resultados significativos, apontando características físicas e limitações pessoais como: obesidade, sardas, baixa estatura, o uso de óculos, dificuldade de aprendizagem, pouco relacionamento com o grupo, sendo as escolhas mais frequentes entre os

agressores. Estas características, geram motivos para o preconceito e desencadeiam atitudes de agressão contra estas vítimas.

Silva, Caramaschi e Valle (2014), realizaram pesquisa com 50 adolescentes de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública e uma particular, da cidade de Bauru, São Paulo, afim de descobrir algumas características físicas que podem levar a pessoa a ser vítima de *bullying*. Dentre elas destacaram-se personagens: obesos; com características estilo “emo” (roupas, maquiagem e cabelos pretos); deficientes físicos (cadeirantes) e menina usando óculos, as quais foram as mais apontadas como possíveis vítimas de discriminação e alvos de apelidos.

Na literatura disponível a respeito do assunto abordado, encontram-se algumas pesquisas com o objetivo de descrever os diferentes tipos de *bullying*. Há estudos que objetivam analisar ações peculiares para a efetivação do mesmo, e outras, que propõem agrupá-las em categorias.

Alguns autores classificam o *bullying* somente em duas categorias, o direto e o indireto. O modo **direto**, configura-se no uso de apelidos, agressões físicas, roubos, atitudes sexuais forçadas, quebra de objetos, expressões ou gestos que geram mal-estar as vítimas, está relacionado aos tipos físico, material e sexual, sendo geralmente praticado por meninos. O modo **indireto**, compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação, exclusão e espalhar boatos, está relacionado aos tipos verbal, psicológico e virtual, sendo mais adotado por meninas (OLWEUS, 1993a; LOPES NETO, 2005; SEIXAS, 2009; GÓMEZ SANABRIA et al., 2007).

No Brasil, até a presente data, não existe legislação nacional específica sobre *bullying*. Encontra-se em tramitação no Congresso, uma Campanha Nacional de combate ao *bullying* nas escolas. Há no Estado de São Paulo a Lei 14.957, de 16 de julho de 2009, que versa sobre medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* nas escolas, porém é na Lei 14.651/09, de Santa Catarina (2009), que encontram-se definições mais completas sobre esse fenômeno, configurado como atitudes agressivas, repetitivas, que causam sofrimento e são executadas em uma relação de desigualdade de poder. No artigo 3º, os tipos de *bullying* são categorizados em:

- Físico (bater, beliscar, ferir, empurrar, agredir);
- Verbal (apelidar, gozar, insultar);

- Psicológico/Moral (intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar, difamar, caluniar, discriminar, tyrannizar);
- Material (roubar, destruir pertences materiais e pessoais);
- Virtual (insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio da Internet e/ou aparelho celular);
- Sexual (Abusar, violentar, assediar, insinuar).

No Quadro 1, são relacionadas diversas ações que podem ser entendidas como *bullying*, desde que aconteçam com certa frequência. Lopes Neto (2011), não utiliza as categorias, mas as ações relacionadas a esse comportamento foram divididas para melhor compreensão do leitor.

Quadro 1 - Ações relacionadas ao *bullying*

<i>Físico</i>	Empurrar, Chutar, Agredir, Violentar, Ferir, Bater, Derrubar
<i>Verbal</i>	Apelidar, Zoar, Gozar, Debochar, Ofender
<i>Psicológico</i>	Dar um gelo, Ridicularizar, Aterrorizar, Ignorar, Ameaçar, Excluir, Ser indiferente, Fazer sofrer, Intimidar, Tyrannizar, Sacanear, Oprimir, Perseguir, Debochar, Injuriar, Constranger, Isolar, Dominar, Discriminar, Encarnar, Subjugar, Vexar, Humilhar, Amedrontar,
<i>Material</i>	Quebrar pertences, Roubar, Furtar,
<i>Sexual</i>	Assediar

Fonte: Adaptado de Lopes Neto (2011, p.21), grifo nosso.

Silva (2010), explica as diferenças entre os tipos de *bullying* (físico, verbal, psicológico, material, sexual e virtual), porém salienta que se assemelham no que diz respeito a ferir a integridade do outro. Pereira (2002), afirma que o *bullying* pode ocorrer de diferentes formas, chegando a ser muito cruel, por meio de agressão corporal, intimidação, ameaça ou isolamento; cometidas por grupos de alunos ou alunos sozinhos, que sempre procuram pares mais frágeis, que tem dificuldade de se defender ou pedir ajuda. As vítimas adquirem aversão à escola e principalmente da hora do recreio, quando ficam mais expostas e com menor supervisão dos adultos. Esses papéis não são estanques, e algumas vezes se invertem nas ocorrências de *bullying*, pois dependendo do contexto cultural ou social, o indivíduo pode ser encorajado a ser agressor ou impelido a ser vítima (FRANCISCO, 2010).

1.2 Idade mais atingida e diferença entre os sexos

A escolha da idade dos alunos participantes do estudo justifica-se pelo fato de diversas pesquisas afirmarem que na idade entre 11 e 15 anos as crianças e adolescentes envolvem-se mais em episódios de *bullying*. Dentre essas pesquisas, encontra-se a realizada por Fisher (2010), uma das maiores desenvolvidas no Brasil sobre o tema *bullying*, na qual 5.168 participantes de 10 a 21 anos, de ambos os sexos, de escolas particulares e públicas, de diversas regiões do país, responderam ao questionário adaptado de Dan Olweus. Concluiu-se então, que a idade com maior incidência de casos varia entre 11 e 15 anos. Lopes Neto (2005), na mesma direção, demonstra que a faixa etária mais envolvida com os casos de *bullying* é entre os 11 e 13 anos de idade.

No estudo de Bjorkvist, Lagerspetz e Kaukiainen (1992), intitulado *Do girls manipulate and boys fight? (Meninas Manipulam e Meninos Lutam?)*, os pesquisadores utilizaram a Escala de Agressão Direta e Indireta (sigla DIAS) de autoria própria (BJORKVIST; LAGERSPETZ; OSTERMAN, 1992), contendo questões sobre o *bullying* direto e indireto. Entre os 379 alunos pesquisados na Finlândia, foi detectado que a idade em que a agressividade é mais evidente é aos 11 anos e que as meninas utilizam-se de ações indiretas, por serem mais frágeis fisicamente, evitando dessa forma, conflitos físicos enquanto os meninos adotam mais agressões físicas e verbais.

Pereira (2002), ressalta que o conceito de *bullying* não pode se confundir com outras formas de comportamento agressivo comum entre crianças de 07 aos 14 anos, ou com brincadeiras agressivas e envolvimento físico, que não tenha a intenção de causar danos ou magoar. A intencionalidade e a persistência diferenciam o *bullying* de outras situações ou comportamentos agressivos.

Baldry e Farrington (2000), realizaram estudo com 113 participantes italianos do sexo feminino e 125 do sexo masculino com idades entre 11 e 14 anos. Observaram que a maior frequência do *bullying* ocorre entre os meninos e é de forma direta, com o uso de violência física ou ameaças e com as meninas ocorre mais em sua forma indireta, com agressões verbais e difamações.

Kenny, Alluede e Mceachern (2005), citam diversos estudos realizados em escolas americanas em que dados interessantes foram contatados tais como: idade prevalente entre 11 e 13 anos, que as meninas recorrem a fofocas, excluir do grupo, ignorar e manipular amizades e ressaltam ainda, que as meninas

frequentemente são vítimas e também agressoras, utilizam-se de formas indiretas de agressão por terem mais predisposição em expressar emoções, valorizar amizades e relacionamentos do que os meninos, que geralmente, utilizam-se de força física. Embora a maneira de agressão utilizada pelas meninas possa passar despercebida, pode deixar marcas psicológicas e sociais nas vítimas.

Olweus (2003), corrobora com Kenny, Alluede e Mceachern (2005), ao descrever resultados de suas pesquisas, ressaltando que os rapazes tendem a envolver-se quatro vezes mais em casos de *bullying* do que meninas. Em geral as meninas envolvem-se em formas mais sutis e indiretas de violência tais como fofoca e manipulação de amizade e os rapazes são mais agressivos fisicamente, fato que justifica ter raízes biológicas e socioambientais.

Saúde (2011), ao realizar pesquisa sobre características de *bullying* e percepção do bem-estar psicológico, com 400 alunos portugueses, sendo 200 meninos e 200 meninas do 5º, 7º, 9º e 11º ano escolar, verificou diferenças entre os sexos nos aspectos de vitimação, observação e agressão. Os meninos apresentam mais comportamentos de agressão e de vitimação, que diminuem conforme aumenta a escolaridade. Ela explica que essas diferenças ocorrem devido aos fatores cerebrais (estrutura, desenvolvimento); químicos (níveis de oxitocina meninas e serotonina - meninos); hormonais (estrógeno feminino = proteção e cuidado, testosterona masculino = agressão e domínio); funcionais (meninas maior competência visual e sensorial e meninos visu-espaciais); psicológicos (emoções como tristeza, compaixão em meninas e fúria, vingança em meninos), de natureza cultural (meninas podem demonstrar sentimentos, meninos devem retrai-los) e educacional (modelos parentais e estereótipos).

Na Itália, Gini e Pozzoli (2006), efetivaram um estudo sobre *bullying* com 113 alunos (64 meninos e 49 meninas), com idade entre 6 e 10 anos. Concluíram que a masculinidade pode resultar significativamente em episódios de *bullying* entre crianças, mesmo estudando os sexos separadamente. A autoatribuição de traços masculinos, tais como características de personalidade, podem estar presentes tanto em meninos como em meninas, podendo levar as crianças a serem agressivas com os colegas. A correlação entre masculinidade e *bullying* pode ser explicada em termos de representações culturais, valores e expectativas sociais, reforçando o papel de liderança do valentão.

Cerca de 5 mil adolescentes escolares com a média de idade: 14,2 e 17,4 anos de 72 escolas públicas da Cidade do Cabo e Durban, África do Sul

participaram da pesquisa de Liang, Flisher e Lombard (2007), completando questionários de autorrelato sobre a participação em atos de *bullying*, comportamentos antissociais e de risco. Os resultados apontaram que 36,3% dos participantes envolveram-se em atos de *bullying*, ou como vítimas, vítimas agressoras ou agressoras. O estudo também revelou que os rapazes são mais suscetíveis a perpetração da violência e vitimação inclusive agredindo outros jovens de sexo masculino mais novos.

Martins (2009), realizou um estudo com 572 adolescentes portugueses com idade média de 14 anos e constatou que os meninos, envolvem-se mais em atritos e justificam ser a agressão uma maneira de resolver esses conflitos. São mais vítimas e mais agressivos do que as meninas, que geralmente, envolvem-se em agressões indiretas. Ainda em Portugal, os pesquisadores Melim e Pereira (2013), concluem em seu estudo com 1.818 alunos de 10 a 18 anos, que meninos sofrem mais o *bullying* direto, envolvendo-se em agressões físicas e roubo de objetos e meninas envolvem-se mais em fofocas e são ignoradas pelos pares. Sobre a violência verbal, ambos queixam-se, porém as meninas são mais atingidas.

Lisboa (2005), detectou em sua pesquisa com 253 crianças e adolescentes de 9 a 15 anos, moradores de Porto Alegre - RS, que os colegas e professores apontam meninos como mais agressivos, porém eles não se percebem mais agressivos do que as meninas. Outros estudiosos também encontraram diferenças entre os sexos (SHARP, SMITH, 1991; BOULTON, UNDERWOOD, 1992; GINI, POZZOLI, 2006; TRAUTMANN, 2008; BANDEIRA, 2009), porém, entende-se que mais importante do que saber as diferenças entre o tipo de *bullying* que acomete meninos e meninas, é oferecer projetos escolares para evitar conflitos e atitudes preconceituosas.

1.3 Locais de ocorrência mais frequentes, consequências para as vítimas e agressores

Pereira (2002), descreve estudos realizados no Reino Unido, Espanha, Portugal e Itália, quanto aos locais onde as agressões e insultos acontecem, os estudiosos do fenômeno comprovaram que o recreio e a sala de aula, são mais mencionados. Percebe-se também que os rapazes envolvem-se em mais casos de agressão, tanto no papel de vítima como de agressor, sendo a violência verbal

(indireta) mais citada do que a física (direta). A autora expõe um quadro síntese sobre a pesquisa realizada no Reino Unido sobre as vítimas, agressores e locais mais frequentes de agressões, conforme apresentado na íntegra e em português de Portugal, no Quadro 2.

Quadro 2 - Quadro síntese - O *Bullying* no Reino Unido

Whitney & Smith (1993)		Resultados %	
		Primárias (8-11 anos)	Secundárias (11-16 anos)
n= 6000 alunos Escolas: 17 primárias e 07 secundárias	Vítimas (algumas vezes ou mais frequentemente)	28% (rapazes) 27% (moças) 27% (total)	12% (rapazes) 09% (moças) 10% (total)
	Agressores (algumas vezes ou mais frequentemente)	16% (rapazes) 07% (moças) 12% (total)	08% (rapazes) 04% (moças) 06% (total)
Formas de agressão	Chamam-me nomes sobre a minha raça ou cor	15%	9%
	Chamam-me (<i>xingos e apelidos</i>)	50%	62%
	Agridem-me fisicamente	36%	26%
	Ameaçam-me	30%	25%
	Não me falam	18%	7%
	Lançam rumores sobre mim	26%	24%
Locais de agressão	Roubam-me	15%	10%
	Corredores	13%	30%
	Recreio	76%	45%
	Sala	30%	39%
	Outros locais	7%	10%

Fonte: Pereira (2002, p.37) grifo nosso.

Lopes Neto (2005), cita um estudo realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), no qual 5.500 alunos participaram, sendo que 60% dos alunos afirmaram que casos de *bullying* ocorreram dentro da sala de aula. Munarin (2007), demonstra que 42% dos professores participantes de sua pesquisa, relataram que os episódios ocorrem em sala de aula e 42% disseram ser no recreio, os outros 16% afirmaram ocorrer nos dois locais.

Silva (2006), realizou pesquisa com 55 alunos entre 10 e 17 anos, de 5ª a 8ª série da cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O recreio e a sala de aula foram os locais mais apontados para ocorrência de diferentes formas de agressão, ambos com 23,63%, seguido da saída da escola (16,36%) e dos corredores (7,27%). A autora comenta que o resultado do recreio era previsível, pois não existem professores, instrutores ou outras pessoas para conter ou evitar os conflitos e ainda faz menção do recreio como “terra de ninguém”. Admira-se do resultado das ocorrências em sala de aula e justifica que talvez os professores não consigam diferenciar o que são episódios de violência e brincadeiras normais para a idade.

Fante (2011), efetuou vários estudos sobre *bullying* em diferentes escolas do Brasil, para tanto, destacam-se três deles. O primeiro contou com a participação de 430 alunos do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Barretos, São Paulo, nele comprovou-se que a sala de aula é o local de maior ocorrência de eventos de *bullying*, em seguida os corredores. No segundo, onde participaram 431 alunos de 7 a 16 anos, de dois municípios do interior paulista, constatou que o local de maior incidência dos eventos é a sala de aula seguida do exterior da escola e pátio do recreio. No terceiro estudo, a autora realizou pesquisa com 450 alunos de uma escola municipal da cidade de São José do Rio Preto, São Paulo e os resultados sobre o local de ocorrência foram: 52% na sala de aula; 23% no recreio; 14% nos corredores; 11% fora da escola; 5% nos banheiros e 11% em outros locais da escola.

Ao se considerar o *bullying*, é fundamental abordar as consequências para os envolvidos, sejam vítimas ou agressores, identificando os efeitos nocivos e marcas emocionais profundas que podem se instalar nestas pessoas. Assim torna-se indispensável para a equipe escolar (professores, coordenadores, direção) conhecer o fenômeno, saber identificar os envolvidos e elaborar programas de prevenção e acompanhamento, com o intuito de minimizar os danos.

Nos estudos de diferentes autores como Olweus (1993a), Lopes Neto e Saavedra (2004), Beane (2006), Calhau (2010) e Lopes Neto (2011), os resultados obtidos apontam para as consequências drásticas na vida das vítimas do *bullying*, que vão desde medo; sequelas emocionais e sentimentos negativos; baixa autoestima; falta de concentração; aversão a escola; estresse; doenças imunológicas e dores de cabeça; até depressão e tentativa de suicídio. Pereira (2002), apresenta várias consequências que as vítimas de *bullying* podem apresentar no decorrer da vida, que podem ser vistas no Quadro 3.

Quadro 3 - Consequências para as vítimas

Vidas infelizes, destruídas
Perda de autoconfiança e confiança em outras pessoas
Falta de autoestima
Falta de concentração
Suicídio ou vítima de homicídio
Dificuldade de ajustamento na adolescência e vida adulta
Problemas nas relações íntimas

Fonte: Adaptado de Pereira (2002, p.25)

Em seu consultório, Silva (2010), relata atender crianças e adolescentes com sintomas psicossomáticos; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social ou transtorno de ansiedade social (TAS); transtorno de ansiedade generalizada (TAG); depressão; bulimia; anorexia; transtorno obsessivo-compulsivo (TOC); transtorno do estresse pós-traumático (TEPT), dentre outros que podem ser decorrentes de traumas deixados por terem vivenciados episódios de *bullying*. Esperon (2004), desenvolveu um estudo com 124 alunos, no qual os resultados demonstraram que alguns sintomas são comuns em vítimas de *bullying*, destacando-se: irritabilidade, alterações de humor, cefaléia, dor abdominal e pressão alta.

Consequências para os agressores envolvidos na situação de *bullying* são negativas e não menos importantes do que as consequências para as vítimas. Tais consequências serão apresentadas para melhor compreensão dos problemas que o fenômeno pode gerar.

Binsfeld e Lisboa (2010), realizaram pesquisa com 182 crianças de ambos os sexos, que responderam questões sobre comportamento agressivo, vitimização, depressão e ansiedade e os resultados alcançados, concluem que os agressores podem apresentar medo da impopularidade e ter pensamentos de fracasso, temendo que os próximos episódios não sejam bem sucedidos.

Outras consequências foram obtidas a partir de estudos disponíveis na literatura, e estes pesquisadores, afirmam que os agressores poderão na vida adulta, apresentar atitudes antissociais violentas, acarretando problemas familiares e dificuldades de inserção social, envolvimento com drogas, armas e desrespeito às regras e leis (LOPES NETO, SAAVEDRA, 2004; CID et al., 2008; FANTE, 2011). Os agressores possivelmente apresentarão problemas em seu desenvolvimento e relacionamentos. Essas consequências são abordadas por Pereira (2002), conforme itens apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 - Consequências para os agressores

Vidas destruídas
Acredita que a força resolve problemas
Dificuldades em respeitar leis e se inserir socialmente
Problemas de relacionamento afetivo e social
Dificuldade de autocontrole
Comportamentos antissociais

Fonte: Adaptado de Pereira (2002, p.25).

Pepler e Craig (2000) apresentaram alguns fatores de risco para o agressor e para a vítima, esses dados encontram-se no Quadro 5.

Quadro 5 - Fatores de risco para os agressores e vítimas

Agressores	Vítimas
Temperamento difícil, problemas de atenção	Temperamento ansioso, retraimento social
Agressões, estresse familiar e falta de atenção	Superproteção e estresse familiar
Pares agressivos, rejeição e marginalização	Rejeição, isolamento e marginalização
Falta de conhecimento sobre comportamentos antissociais	Falta de conhecimento, comunicação acerca da vitimização

Fonte: Adaptado de Pepler e Craig (2000, p.5)

De acordo com Lopes Neto (2005), tanto fatores econômicos, sociais, culturais, aspectos de temperamento, como influências de amigos e familiares podem representar riscos para o envolvimento no *bullying*. Kenny, Alluede e Mceachern (2005), ressaltam a importância da prevenção, identificação e ajuda às vítimas e agressores através de aconselhamento e trabalhos envolvendo toda equipe escolar, na busca de um ambiente seguro e não violento.

Dada sua gravidade e frequência, atualmente o *bullying* tem sido objeto de atenção não apenas da sociedade, como das autoridades em geral, que visam combatê-lo em todas as suas manifestações. Assim, este trabalho almeja uma melhor compreensão do fenômeno e a sua ocorrência, numa população específica de uma cidade do interior paulista.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Caracterizar o *bullying* em escolares do Ensino Fundamental.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar o tipo de *bullying* (físico, verbal, psicológico, material, virtual ou sexual) mais prevalente na população estudada.
- Comparar o *bullying* entre adolescentes do sexo masculino e feminino, bem como de escola municipal e estadual.
- Identificar o local de maior ocorrência de eventos de *bullying*.
- Apontar possíveis motivos que podem levar a episódios de *bullying*.

3 MÉTODO

Esta pesquisa caracterizou-se como descritiva, pois apresenta análises quantitativas e qualitativas de dados e seus porquês (BOENTE; BRAGA, 2004).

3.1 Local

A coleta de dados aconteceu em duas escolas de Ensino Fundamental, sendo uma da Rede Pública Estadual (Escola A) e outra da Rede Municipal (Escola B), na cidade de Bauru, interior do Estado de São Paulo, cujos diretores aceitaram que fossem coletados os dados de forma anônima, conforme o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que consta no Anexo 2.

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 309 alunos, sendo 142 do sexo masculino e 167 do feminino, do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, com idade entre 11 e 15 anos, de duas escolas da cidade de Bauru, São Paulo.

Cada aluno foi convidado a participar da coleta de dados da presente pesquisa e foi sujeito da mesma mediante seu aceite e entrega do TCLE, assinado pelo responsável (Anexo 3).

3.3 Instrumento de pesquisa

Um questionário com perguntas fechadas e abertas sobre *bullying* foi elaborado pela pesquisadora (Apêndice A) com base nos estudos de Bandeira (2009), Freire, Simão e Ferreira (2006), Rolim (2008), Oliveira (2007) e Santos (2011).

As questões foram adaptadas dos estudos citados de acordo com os objetivos da presente pesquisa. Diversos aspectos dos questionários originais não foram considerados para este estudo, a saber: descendência, etnia/cor, questões relacionadas a drogas e álcool, sentimento ao sofrer ou ver alguém sofrendo *bullying*. Neste item, são apresentadas algumas perguntas elaboradas para o instrumento, com o intuito de esclarecer como cada uma delas foram construídas.

A pergunta 3 consistiu em identificar maneiras de agrupamento familiar. Uma preocupação da pesquisadora ao elaborar a pergunta foi que algum participante poderia não se encaixar em nenhuma das alternativas, assim foi

criado um campo: “Outros”. Para possibilitar a identificação de outros tipos de configuração familiar, oportunizando a indicação daquele que mora com padrasto, madrasta ou, primos. Vale lembrar que houve indicação de tipo de moradia diferente, um abrigo.

Para caracterização de família, utilizou-se as definições de Caniço (2010), as quais apareceram 5 tipos distintos na pesquisa, a saber:

- *Família Nuclear ou Simples* - União entre adultos e um só nível de descendência pais e seu(s) filho(s);

- *Família Alargada ou Extensa* - Co-habitam ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, para além de pais e/ou filho(s);

- *Família Reconstruída, Combinada ou Recombinada* - Família onde existe uma nova união conjugal, com ou sem descendentes de relações anteriores;

- *Família Monoparental* - Família constituída por um progenitor que co-habita com o(s)seu(s) descendente(s), isto é, mãe ou pais assumindo as responsabilidades da casa sozinho;

- *Família Dança a Dois* - Família constituída por familiares (de sangue ou não) sem relação conjugal ou parental (ex: avó e neto, tia e sobrinha, irmãos, primos, cunhados).

As questões de 6 a 14 versaram sobre dados de *bullying*, no intuito de identificar possíveis vítimas e agressores.

Para confirmar os dados de quem é mais violento na escola, foi incluída a questão 15, na qual os alunos puderam responder quem é mais agressivo na escola, meninos ou meninas.

Com o intuito de subsidiar estudos de intervenção, na questão 16, os alunos foram estimulados a oferecer sugestões, para a equipe administrativa da escola, na busca da diminuição dos atos de violência.

3.3.1 Estudo piloto

Em fase de Estudo Piloto (Apêndice A), o questionário foi aplicado em 10 alunos selecionados por meio de sorteio, sendo um de cada sala, para responder as questões, visando à adequação do instrumento. A pesquisadora conversou com os alunos, questionando sobre as dificuldades na compreensão das perguntas, foram alteradas as questões indicadas e acrescentadas opções de respostas conforme as sugestões.

As questões continuaram com o mesmo conteúdo, porém algumas, foram reformuladas ou trocadas de lugar, para melhor compreensão dos alunos. Pelo fato da literatura apresentar idades variadas como maior ocorrência de *bullying* entre as idades de 11 a 13, de 11 a 15 anos, as alternativas da pergunta 2 (dois) foram ampliadas. A pergunta 5 (cinco) estava com as opções “muitos, poucos e nenhum”. Os alunos participantes do teste, questionaram quanto seria o muito da citada questão, assim, optou-se em especificar, 0 para “nenhum”, 1 a 10 para “poucos” e mais de 10 para “muitos”.

Na resposta da questão 6 (seis), os participantes acrescentaram “quebram minhas coisas”; “não devolvem meu material”; “me machucam”, assim sendo, para o questionário definitivo, as alternativas foram separadas em blocos conforme o tipo de *bullying*, para ficar mais claro e organizado. Na questão 7 (sete) foram suprimidos os itens “grupo de meninos” e “grupo de meninas”, e na análise dos resultados aparece a opção “ambos”, pois verificou-se que a maioria dos participantes assinalou as duas alternativas. A pergunta 8 (oito), chave do estudo, também foi modificada de “poucas vezes”, “muitas vezes” e “uma vez”, para “uma vez”, “duas vezes”, “quase todos os dias”, “diariamente” e “nunca”, para que todos os alunos respondessem a questão, até os que nunca foram agredidos. Na pergunta 9 (nove), as opções entrada e saída da escola estavam em itens separados, foram agrupadas, ficando em um único item – entrada/saída.

Os itens da questão 10 (dez) foram reagrupados. A questão 11 (onze) estava aberta, porém verificou-se que ficaria muito variável, assim, as sugestões do grupo “piloto” foram aproveitadas e colocadas como fechadas, acrescentando a alternativa “outras”. Na pergunta 12 (doze) foi acrescentado o “porque”, com o intuito de verificar os motivos que levam o agressor a praticar o *bullying*. A questão 13 (treze) seguiu o mesmo padrão da pergunta 8 (oito) e na 15 (quinze) foram suprimidos “alunos de outras salas mais velhos” e “alunos de outras salas

mais novos”, pois não era o objetivo da pesquisa e sim saber qual o sexo do agressor. A questão 16 (dezesseis) estava aberta, mas, assim como a 11 (onze), os alunos sugeriram algumas ações que foram colocadas como opção no questionário definitivo.

3.4 Procedimentos éticos

Este estudo foi submetido à Plataforma Brasil, conforme Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012, que orienta sobre procedimentos de coleta de dados com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP, sob Parecer nº 645.822 de 08/05/14, (Anexo 1).

3.5 Procedimentos de coleta de dados

A proposta foi apresentada aos diretores das escolas, a fim de que os mesmos assinassem o TCLE (Anexo 2), para a realização da coleta de dados deste estudo nas dependências da unidade escolar. A aceitação foi boa e os diretores colaboraram para a realização da pesquisa. Vale lembrar que participaram da pesquisa somente os alunos que entregaram o TCLE (Anexo 3) assinado pelos pais.

Após o estudo piloto, foram realizadas adequações no instrumento, conforme sugestões e dúvidas que partiram dos alunos. Iniciou-se a coleta de dados com a aplicação do questionário, sendo realizada em grupos de 10 alunos, conduzidos à biblioteca ou ao pátio, devidamente organizados para a realização dessa pesquisa e conforme disponibilidade da escola. Para melhor aproveitamento do material, foram dadas instruções verbais, a fim de que os alunos pudessem entender a dinâmica de como deveriam responder o instrumento.

No questionário, as questões não remeteram diretamente ao *bullying*, porém, para melhor visualização e interpretação dos dados, os resultados foram apresentados com os termos *bullying*, vítimas, vítimas agressoras e agressores, conforme o contexto que envolve o fenômeno.

3.6 Procedimentos de análise dos dados

Os dados obtidos através da aplicação do questionário foram tabulados em planilhas do Excel, posteriormente transportados para o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), aplicativo específico para análise estatística e apresentados em tabelas e gráficos que possibilitaram as análises descritivas. A fim de verificar a significância estatística dos dados, foram realizados testes estatísticos (Anova, Manova e Qui-quadrado), porém para a maioria dos resultados não foi possível a realização de inferências estatísticas, por se tratar de dados categóricos e não paramétricos. Para demonstrar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre variáveis, foi utilizado como parâmetro o nível de significância ($p=0,05$), que indica que o dado é considerado 95% verdadeiro.

No que diz respeito ao tipo de violência, as respostas dos alunos foram agrupadas de acordo com as categorias de *bullying*: físico; verbal; psicológico/moral; material; virtual ou sexual, citadas anteriormente.

Na presente pesquisa, para caracterizar a ocorrência de *bullying*, na questão 8 (oito), foram consideradas somente as respostas: “*quase todos os dias*” ou “*diariamente*”, pois de acordo com Pereira (2002) e Fante (2011), um fato isolado não pode ser caracterizado como *bullying*.

4 RESULTADOS

Os resultados são apresentados considerando inicialmente, a caracterização dos participantes e em seguida os dados específicos sobre o *bullying* coletados nas duas escolas.

4.1 Caracterização dos participantes

A Tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes, considerando o sexo, idade e o tipo de escola que estudam, se municipal ou estadual.

Tabela 1 - Distribuição dos alunos por escola, idade e sexo

Escola	Idade	Masculino	Feminino
		<i>n</i>	<i>n</i>
Municipal (A)	11 anos	2	6
	12 anos	25	36
	13 anos	37	26
	14 anos	13	9
	15 anos	6	2
SubTotal		83	79
Total escola A		162	52%
Estadual (B)	11 anos	23	29
	12 anos	24	41
	13 anos	8	15
	14 anos	3	3
	15 anos	1	0
SubTotal		59	88
Total escola B		147	48%
Total por sexo		142	167
		meninos	meninas
		46%	54%

De acordo com os dados registrados na Tabela 1, observa-se que pouco mais da metade dos participantes da pesquisa é do sexo feminino, 54% (167) e o grupo com menor número é composto por participantes do sexo masculino, 46% (142). Em relação a escola frequentada, 52% (162) estudam em escola municipal, enquanto os 48% (147) restantes em escola estadual.

Referente a idade, a maior concentração encontra-se com 12 anos (126 alunos). Em seguida encontra-se a idade de 13 anos (86 alunos); com 11 anos,

(60 alunos) e com números menores apresentam-se as idades de 14 anos (28 alunos) e 15 anos (9 alunos).

Na questão 5 do instrumento de pesquisa, os alunos foram questionados sobre a quantidade de amigos que possuem, com o intuito de verificar se esse dado poderia trazer alguma pista sobre vítimas ou agressores. Os dados contidos na Figura 1, apontam que a maioria dos integrantes da pesquisa 77% (239), responderam ter mais de 10 amigos, 22% (68) disseram ter de 1 a 9 amigos e apenas 1% (2) respondeu não ter amigos.



Figura 1 - Quantidade de amigos na escola

4.1.1 Família

A seguir são apresentados dados referentes a configuração familiar dos alunos, com quem moram e quantidade de irmãos.

Tabela 2 - Tipos de família ou moradia

Tipo de Família		
Municipal (A)		
	<i>n</i>	%
Nuclear	86	53%
Alargada	23	14%
Reconstituída	10	6%
Monoparental	38	23%
Dança a dois	4	2%
Abrigo	1	1%
Total	162	100%
Estadual (B)		
Nuclear	81	55%
Alargada	7	5%
Reconstituída	15	10%
Monoparental	40	27%
Dança a dois	4	3%
Abrigo	0	0%
Total	147	100%

Tipos de família de acordo com os membros ou moradia, compõem a Tabela 2, em que fica evidente ser a maior parte deles, inserida em famílias “nucleares”, sendo 53% (86) da escola estadual e 55% (81) da escola municipal. Em seguida aparece um menor percentual, aqueles que compõem as famílias “monoparentais” 23% (38), da escola A e 27% (40) da escola B. As famílias nomeadas de “alargadas” somam respectivamente 14% (23) e 5% (7), as “reconstituídas” 6% (10) e 10% (15). As classificadas como “dança a dois” 2% (4) e 3% (4) e apenas 1% (1) da escola A, é integrante de moradia-abrigo, isto é, não se enquadra em nenhuma das configurações de família descritas por Caniço (2004). Mais da metade dos alunos vive em família nuclear, isto é, família tradicional com pai, mãe e irmãos, porém destacou-se o tipo monoparental, onde o pai ou a mãe assumem sozinhos as responsabilidades da casa e família.

Seguindo as informações referentes a família, na Tabela 3, encontram-se dados sobre a quantidade de irmãos de cada participante.

Tabela 3 - Quantidade de irmãos

Quantidade de irmãos		
Municipal (A)		
	<i>n</i>	%
0	19	12%
1	63	39%
2	44	27%
3	24	15%
4 ou mais	9	6%
Não respondeu	3	2%
	162	100%
Estadual (B)		
0	14	10%
1	36	24%
2	37	25%
3	26	18%
4 ou mais	32	22%
Não respondeu	2	1%
	147	100%

A quantidade de irmãos descrita na Tabela 3, indica que, na escola A, 39% (63) têm somente um irmão, 27% (44) - 2 irmãos; 15% (24) - 3 irmãos; 12% (19) não tem nenhum irmão e 6% (9) dos participantes relataram ter 4 ou mais irmãos. De diferente modo, na escola B, a maioria dos alunos, 25% (37) têm 2 irmãos; 24% (36) - 1 irmão; 22% (32) - 4 ou mais irmãos; 18% (26) - 3 irmãos e 10% (14) não têm irmãos. Um dado a ser considerado, é que apenas 1,6% (5) dos participantes das duas escolas não respondeu a questão. Mesmo havendo algumas diferenças entre as escolas, nota-se que a maior parte dos alunos, isto é, 46% (180) possuem 1 ou 2 irmãos.

4.2 Dados de *bullying*

4.2.1 Síntese dos dados de *bullying*

Com os dados coletados nesse estudo, elaborou-se uma tabela sobre o *bullying*, com a finalidade de demonstrar ao leitor, os resultados obtidos na cidade de Bauru, com 309 participantes de ambos os sexos, com idade de 11 a 15 anos.

Tabela 4 - Síntese dos dados de *bullying*

	<i>n</i>	%
1- Nunca sofreram algum tipo de violência	91	29,5%
2- Sofreram mas não configura <i>bullying</i> (1 ou 2 episódios)	149	48,2%
3- Vítimas	61	19,7%
4- Vítimas agressoras	8	2,6%
5- Agressores (retirados dos itens 1 e 2 da presente tabela)	15	4,8%
Total da pesquisa	309	100%
Envolvidos com <i>bullying</i> (vítimas + vítimas agressoras + agressores)	84	27%

Do total dos 309 alunos participantes da pesquisa, 84 (27%) se envolveram em episódios de *bullying* seja como vítima, vítima agressora ou agressor.

Dentre os 91 (29,5%) participantes que nunca sofreram algum tipo de violência na escola, 6 (6,5%) responderam ter como prática, “colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar” com outros alunos na escola, “quase todos os dias” ou “diariamente”. Dos 149 (48,2%) que responderam ter sofrido algum tipo de violência mas não repetidas vezes (1 ou 2 vezes), o que não configurou-se como *bullying*, foi possível identificar que 9 (6%) foram autores de atos de *bullying*, isto é, agressores, somando 15 (4,8%) agressores no total.

Dos 69 alunos que disseram sofrer atos violentos repetitivamente (*bullying*), 11,5% (8) disseram praticar *bullying* contra outros colegas, ou seja, caracterizam-se como vítimas agressoras. Temos assim, 61 (19,7%) alunos no papel de vítima e 8 (2,6%) vítimas agressoras.

4.2.2 Sofreu *bullying*?

A partir das respostas do questionário aplicado, foi realizada a separação das questões por blocos. Acima, foi apresentada a caracterização dos integrantes da pesquisa. Agora, serão descritos os dados relacionados ao fenômeno *bullying* no que refere-se ao papel de vítima, vítima agressora e agressor. Primeiramente, foram utilizadas as respostas da pergunta 8 do instrumento: *Quantas vezes isso acontece ou aconteceu neste ano?* Essa resposta foi o ponto central da pesquisa, pois separa os que não sofreram, dos que sofreram especificamente o *bullying*, isto é, mais de três episódios conforme descrição de Olweus (2006) e Fante (2011). Assim, as respostas foram classificadas em “sofreu *bullying*” e “não sofreu”, sendo estas porcentagens descritas na Figura 2.

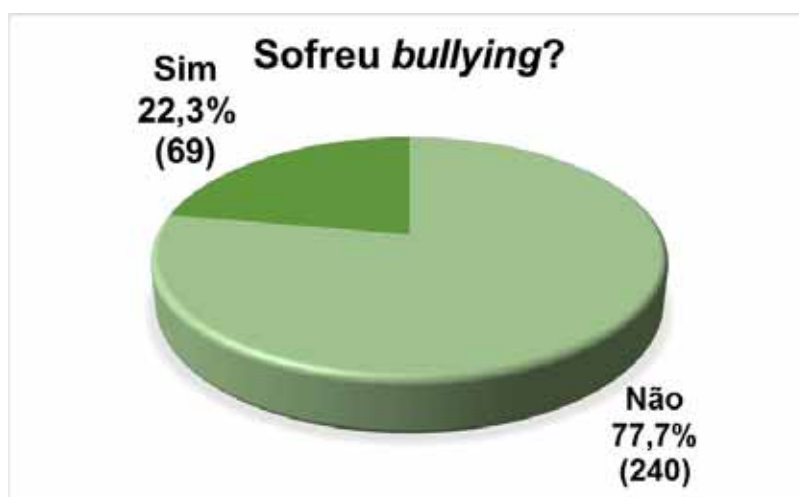


Figura 2 - Sofreu *bullying*?

No questionário, a questão 8 apresentou as seguintes opções para resposta: “nunca”, “uma vez”, “duas vezes”, as quais foram consideradas NÃO *bullying*, nesta categoria se enquadraram 240 alunos, o que corresponde a 77,7% do total dos participantes. Os outros 69 alunos (22,3%), que responderam “quase todos os dias” ou “diariamente”, foram categorizados como SIM *bullying*, configurando-se como vítimas, conforme números demonstrados na Figura 2.

Ao investigar se havia diferença em relação ao tipo de escola, gênero e idade, considerando como dois grupos: NÃO *bullying* versus SIM *bullying*, por meio do teste do Qui-quadrado confirmou-se a equivalência entre os grupos em relação a escola ($\chi^2= 2,00$, $p= 0,16$) e ao gênero ($\chi^2= 0,006$, $p= 0,94$); com a ANOVA confirmou-se para a idade ($F=0,008$, $p=0,98$). Sendo assim, não foi

comprovada diferença estatisticamente significativa, pois os valores de p foram maiores do que 0,05.

4.3 A vítima

Considerando o objetivo geral da pesquisa, caracterizar o *bullying* em escolares de Ensino Fundamental, as informações a seguir, exibem detalhes não apenas sobre as vítimas, vítimas agressoras, agressores, locais de ocorrência, a quem a vítima relatou sobre a violência sofrida, motivos que levam os agressores a praticar atos de violência repetitivamente, como também, quem ajuda o agressor e a vítima agressora a praticar o *bullying* e quem é mais violento na escola, meninos ou meninas. Foram levantadas sugestões de ações que a direção da escola poderá implementar para diminuir a violência, informações que ajudam na visualização do cenário de violência e discriminação escolar.

Primeiramente, no presente item, são apresentados dados referentes aos 69 alunos que responderam ter sido vítima de *bullying*. Destes, 54% (37) são do sexo feminino e 46% (32) do sexo masculino. A idade mais prevalente dos alunos vítimas de *bullying* é de 12 anos (27), seguida de 13 anos (16); 11 anos (15); 14 anos (9) e 15 anos (2). Os dados a seguir demonstram a quantidade de meninos e meninas que sofrem *bullying* conforme escola em que estudam.

Tabela 5 - Sofre *bullying* por escola e sexo

Escola	Masculino		Feminino	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Municipal (A)	18	26%	13	19%
Total escola A	31	alunos		
Estadual (B)	14	20%	24	35%
Total escola B	38	alunos		
Total	69	alunos		

Na Tabela 5, verifica-se que existem mais relatos de *bullying* sofrido pelos alunos da escola estadual (38), do que municipal (31), porém não foi possível realizar a comparação estatística porque as duas variáveis (Escola **versus** *Bullying*) apresentam valores constantes: 1 e 2, sendo 1 para escola municipal e 2 para escola estadual e 0 e 1; sendo 0 para não *bullying* e 1 para *bullying*.

4.3.1 Tipos de *bullying* sofrido por participantes do sexo masculino e do sexo feminino e quem os pratica

No instrumento de pesquisa, constam perguntas que oportunizaram respostas abertas e não limitadas a preencher somente um item, dessa forma, as respostas dadas pelos participantes do estudo ao questionário representam mais de um item. Percebe-se isso claramente na pergunta 6. Assim, a soma dos tipos apresentada na Figura 3, não resulta em 100% devido essa possibilidade, porém, é possível verificar os tipos prevalentes e quem os pratica.

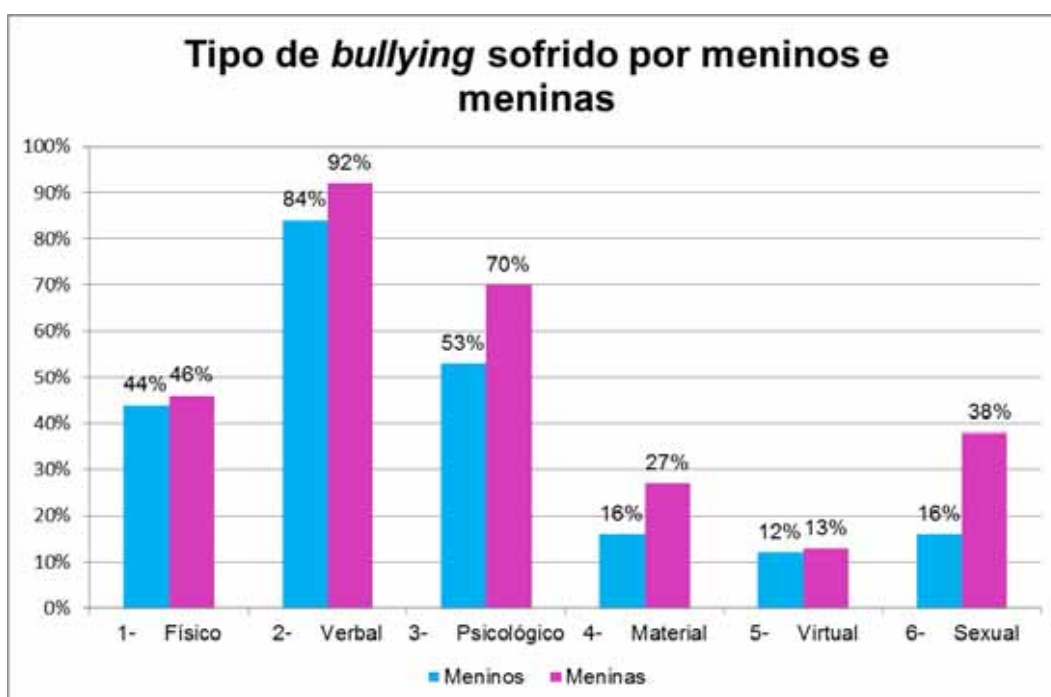


Figura 3 - Tipo de *bullying* sofrido por meninos e meninas, considerando as escolas A e B

Na Figura 3, constam dados sobre os tipos de *bullying* mais sofridos por meninos e por meninas: *bullying* verbal - 92% (34) meninas e 84% (27) meninos, seguido do tipo psicológico - 70% (26) meninas e 53% (17) sofrido por meninos. O tipo físico ocupa o 3º lugar com 46% (17) das respostas das meninas e 44% (14) dos meninos, o material 27% (10) pelas meninas e 16% (14) pelos meninos, o sexual é sofrido por 38% (14) das participantes do sexo feminino e por 16% (5) do sexo masculino, o virtual está na última classificação, onde 13% (5) das meninas e 12% (4) dos meninos sofreram esse tipo de violência.

Ao analisar estatisticamente essas diferenças, observa-se por meio do teste do Qui-quadrado o ($\chi^2= 4,24$, $p= 0,04$) que apenas para o tipo de *bullying* sexual (passar a mão em partes do corpo), foi encontrada diferença estatística

significativa ao nível de 5%, indicando que as meninas sofrem mais este tipo de *bullying*.

A pergunta 7, *Quem geralmente faz isso?* ofereceu dados referentes a quem é o agressor, isto é, quem pratica o *bullying* contra meninos e meninas, esses dados são demonstrados na Tabela 6.

Tabela 6 - Quem pratica *bullying* contra meninos e meninas

Escola	Quem sofre		Quem agride			Sem resposta
		n	Menino	Menina	Ambos	
Municipal (A)	Menino	18	29%	6%	23%	0%
	Menina	13	20%	3%	16%	1%
Estadual (B)	Menino	14	24%	5%	8%	0%
	Menina	24	24%	5%	34%	0%
Total: 69 alunos						

Concernente a quem pratica o *bullying*, percebe-se que meninas e meninos são violentos. Devido ao fato de poderem assinalar concomitantemente duas respostas, ao analisar os dados da pergunta 7, uma nova categoria foi acrescentada: a categoria “ambos”, pois os alunos responderam sofrer *bullying* tanto de meninos como de meninas. Ao analisar os dados da escola A (municipal), vê-se que o *bullying* sofrido pelos meninos é praticado por meninos em 29% (9) dos casos e praticado por meninas 6% (2), conforme apresentado na Tabela 6. Quanto a quem pratica *bullying* contra meninas, 20% (6), é praticado por meninos e 3% (1), por meninas. Na categoria “ambos”, 23% (7) dos meninos responderam ser agredidos por meninos e meninas e 16% (5) das meninas responderam que são agredidas por ambos. Somente uma menina deixou de responder a questão.

Na escola B (estadual), os resultados são bem semelhantes, o *bullying* sofrido por meninos é mais praticado por meninos, 24% (9), e praticado por meninas 5% (2). A maioria que pratica *bullying* contra meninas, são meninos, sendo eles mencionados por 24% (9) delas e 5% (2) das meninas dizem sofrer *bullying* praticado por meninas. Na categoria “ambos”, 8% (3) das respostas foram de meninos e 34% (13) de meninas. De modo geral, somando os resultados das duas escolas, excetuando a categoria ambos, meninos praticam *bullying* contra as

meninas em 53% (18) dos casos e contra meninos 44% (15), e as meninas agridem 11% (4) das meninas participantes do estudo e 8% (3) dos meninos.

Ao realizar a comparação estatística por meio da análise de variância (Manova) observou-se que não consta diferença entre “quem pratica *bullying* e o tipo de escola que estuda” ($F= 0,737$; $p= 0,53$) e entre “quem pratica *bullying* e o sexo” ($F= 0,568$; $p= 0,63$). Ao testar a diferença entre quem pratica *bullying* e o tipo de *bullying* praticado, pela Manova obtêm-se diferença significativa entre quem faz e o tipo virtual ($F= 3,29$; $p= 0,02$).

4.3.2 Onde ocorrem os episódios de *bullying*

A pergunta 9 verificou onde ocorrem os episódios de *bullying*. Ao perguntar *Onde esses eventos acontecem?* A maioria dos alunos respondeu que é na sala de aula. Os resultados podem ser vistos na Figura 4.

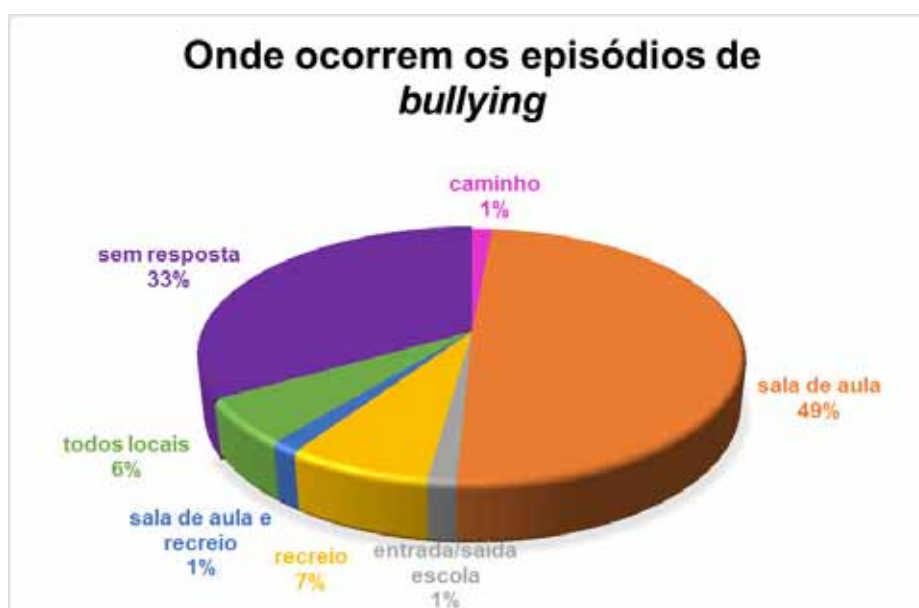


Figura 4 - Onde ocorrem os episódios de *bullying*

A Figura 4 aponta que 49% (34) dos integrantes desta pesquisa afirmaram que os episódios de *bullying* ocorreram na sala de aula; 7% (5) apontou que os casos aconteceram no recreio; 1% (1) no caminho para escola ou para casa; 1% (1) na entrada e/ou saída da escola e 1% (1) das respostas referem-se a eventos que os participantes apontaram ocorrer na sala de aula e também no recreio. Percebe-se então, um número considerável de alunos que não respondeu onde ocorreram os episódios de *bullying*, sendo 33% (23) sem resposta. Outro dado interessante, é que 6% (4) respondeu que os eventos aconteceram em todos os

locais, não sendo possível destacar o mais prevalente entre caminho para escola ou para casa, sala de aula, recreio ou entrada e/ou saída da escola.

4.3.3 Para quem a vítima fala que sofre *bullying*

Você falou isso para alguém? é o conteúdo da pergunta 10 e suas respostas foram diversificadas como demonstra a Figura 5.

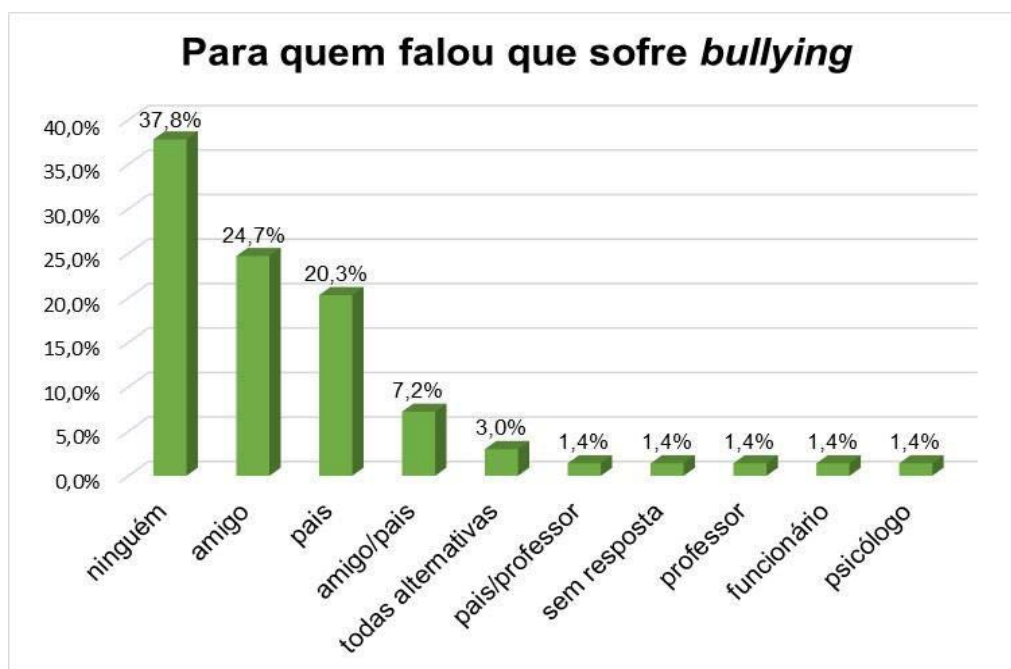


Figura 5 - Para quem falou que sofre *bullying*

Mais de um terço dos alunos que sofreram violência, não contaram para ninguém, isto é, 37,8% (26), não disseram para os pais, professores, amigos ou funcionários da escola sobre o *bullying* sofrido; 24,7% (17), falaram sobre o assunto com os amigos; 20,3% (14), contaram para os pais ou responsáveis; 7,2% (5), disseram para os amigos e para os pais e 3% (2) comentaram sobre o fato, com os pais ou responsáveis, professores, amigos ou com funcionários da escola. A maioria dos episódios ocorreu em sala de aula, porém, somente 1,4% (1), contou para o professor; 1,4% (1), disse para o professor e para os pais; 1,4% (1), falou para algum funcionário da escola; 1,4% (1), comentou sobre o assunto com o psicólogo e somente 1,4% (1), não respondeu a questão.

4.3.4 Por que a vítima sofre *bullying*

Uma pergunta importante da pesquisa foi a número 11- *Por que você acha que isso acontece?* As diferentes respostas constam na Figura 6.

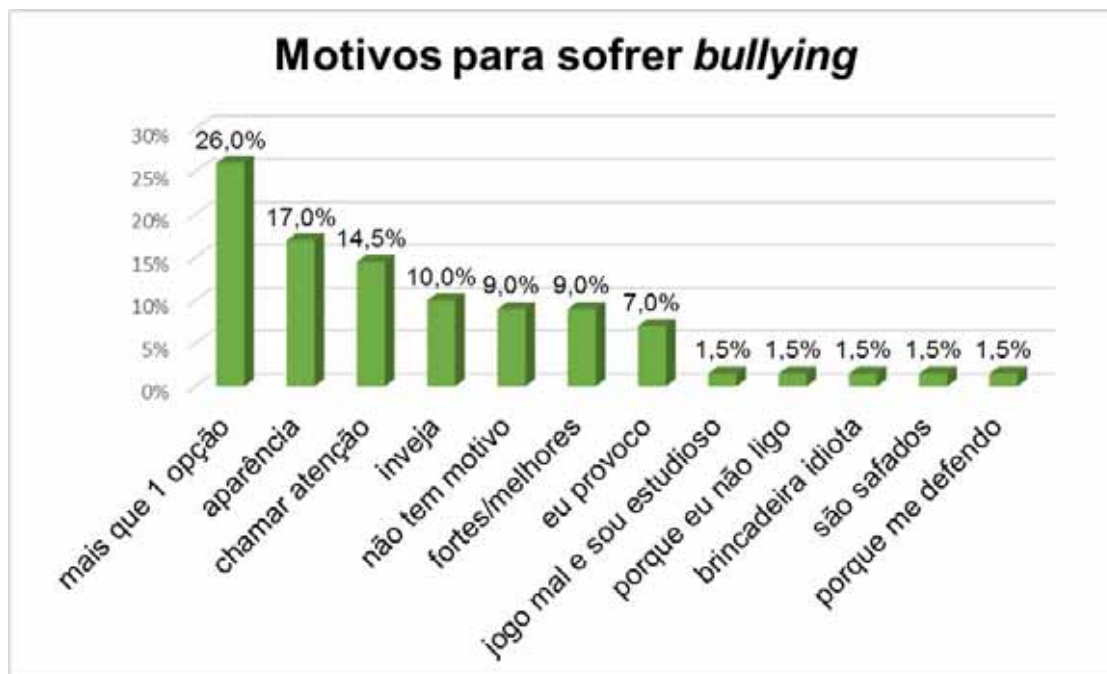


Figura 6 - Motivos para sofrer *bullying*

Dentre os motivos apresentados pelos participantes, contidos na Figura 6 - 17% (12), responderam que sofrem *bullying* "devido a aparência" (os alunos relataram sofrer *bullying* por serem: baixos; gordos; magros demais; narigudos; terem defeito nos olhos ou usarem óculos; serem feios; pela cor da pele ou nacionalidade), 14,5% (10), responderam que os agressores fazem isso para "chamar atenção"; 10% (7) disseram que os agressores tem "inveja" deles, 9% (6), responderam "não ter motivo" para serem agredidos; 9% (6), responderam que os agressores fazem isso, para "mostrar que são mais fortes ou melhores", 7% (5), assinalaram a opção "porque eu provooco ou mexo com eles". No valor de 1,5% (1), temos 5 categorias: "jogo mal e sou estudioso"; "porque não ligo"; "brincadeira idiota", "são safados" e "porque me defendo".

4.4 A vítima agressora

Um dos papéis dos envolvidos no *bullying* é a vítima agressora e para a elaboração deste item, foram considerados os alunos que disseram ter sofrido *bullying* e responderam afirmativamente a pergunta 12- *Você costuma colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar com outros alunos na escola?* e que na pergunta 13- *Quantas vezes isso acontece ou aconteceu este ano?* afirmaram fazer isso “quase todos os dias” ou “diariamente”, pois o foco da pesquisa, foi verificar os atos repetitivos, ou assim dizendo, o *bullying*. Dessa forma, o total da categoria vítima agressora foi de 8 alunos, de acordo com os números apresentados na Figura 7.



Figura 7 - Sofre e pratica *bullying*

Dos 69 alunos que sofreram *bullying*, 12% (8), afirmaram praticar atos de violência direta ou indireta frequentemente, dentre eles 4 meninos e 4 meninas e 88% (61) afirmaram não colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar com outros alunos na escola.

4.4.1 Motivos que levam a vítima agressora a praticar *bullying*

Ainda sobre a vítima agressora, na Figura 8, são apresentados os porquês de praticarem atos de violência. Esses dados são referentes aos 8 (oito) alunos que afirmaram ser vítimas, mas que também são agressores, configurando-se assim, como vítimas agressoras.

Na pergunta 12- *Você costuma colocar apelidos, xingar ou brigar com alguém na sua escola?* foi disponibilizada a opção de resposta aberta no “Por quê?”. Dessa forma, foram obtidas informações importantes sobre os motivos que levam a vítima agressora a praticar *bullying*.



Figura 8 - Por que a vítima agressora pratica *bullying*?

Dos participantes que disseram sofrer *bullying*, 37,5% (3), disseram praticar para revidar, 12,5% (1), disseram praticar por ser divertido e 50% (4) não informaram por que adotam tais atos.

4.5 O agressor

O questionário da presente pesquisa, ofereceu dados que ajudaram na identificação do agressor. Considerou-se como agressor, aquele que não sofreu *bullying*, porém, respondeu que tem o costume de colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar com outros alunos da escola. Foi possível aferir esses dados através das perguntas 12- *Você costuma colocar apelidos, xingar ou brigar com alguém na sua escola?* e 13- *Quantas vezes isso acontece ou aconteceu este ano?*

Dos 309 participantes da pesquisa, 91 não sofreram nenhum tipo de violência; desses, 6 (seis) afirmaram praticar atos de violência direta ou indireta repetitivamente. Foi possível também, identificar agressores no grupo de 149 alunos que não sofreram *bullying*, mas indicaram ter sido alvo de violência uma ou duas vezes, desses, 9 (nove) costumam colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar com outros alunos. Desta forma, foram identificados um total de 15 alunos agressores, que corresponde a 4,8% do total de participantes.

Na Figura 9, aparecem as porcentagens de meninos e meninas que são agressores, dentre os 15 que afirmaram praticar *bullying*.

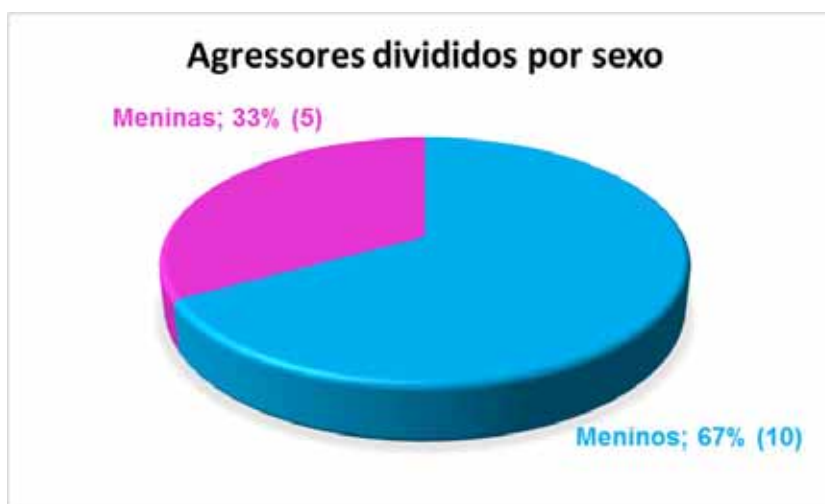


Figura 9 - Agressores divididos por sexo

Os meninos são os que mais praticam *bullying*. Dos alunos que nunca sofreram algum tipo de violência direta ou indireta, ou que sofreram algum tipo de violência poucas vezes, mas praticam constantemente, 67% (10) são meninos; enquanto somente 33% (5), dos que praticam *bullying*, são meninas.

4.5.1 Motivos que levam o agressor a praticar *bullying*

Em continuação a pergunta 12- *Você costuma colocar apelidos, xingar ou brigar com alguém na sua escola?* foi oferecida a opção “Por quê?” que subsidiou os dados apresentados na Figura 10.



Figura 10 - Por que o agressor pratica *bullying*?

Quanto aos motivos que levam as crianças e adolescentes a praticar *bullying*, percebe-se que 54% (8), relataram ser divertido ou legal fazer isso; 20% (3) fazem para revidar; 13% (2) disseram que fazem porque os colegas são folgados, tontos ou chatos. Dois alunos (13%) não responderam a questão 12 do questionário.

4.5.2 Quem ajuda o agressor a praticar atos de *bullying*

Na figura 11, encontram-se as respostas referentes a pergunta 14- *Você faz isso?* As opções eram “não faço”, “faço com amigos” ou “sozinho”.



Figura 11 - Quem ajuda o agressor na prática do *bullying*

A maioria dos agressores, 60% (9), disseram praticar os atos de violência juntamente com seus amigos, enquanto 40% (6), praticam *bullying* sozinhos.

4.6 Violência na escola

A questão 15 do questionário, remete a percepção que os alunos têm quanto aos atos de violência na escola. Para esse dado, foram consideradas as respostas dos 309 participantes do estudo, não separados por escola, envolvidos ou não em atos de *bullying*.

Tabela 7 - Quem é mais violento na sua escola

Quem é mais violento na sua escola					
	Meninos	Meninas	Ambos	Sem resposta	Não vejo ato de violência na escola
Meninos	64,8%	11,3%	18,3%	0,7%	4,9%
Meninas	56,9%	15,6%	8,4%	0%	19,1%

Quando perguntado *Quem você acha que é mais violento na escola* (questão 15), tanto meninos (64,8% - 92) quanto meninas (56,9% - 95) disseram ser os meninos, os mais violentos. Para 11,3% (16) dos meninos e 15,6% (26) das meninas, as meninas são mais violentas. Assinalaram ambas opções, 18,3% (26) dos meninos e 8,4% (14) das meninas, afirmando que meninos e meninas são agressivos. Outro dado interessante, é que 4,9% (7) dos meninos disseram não ver atos de violência na escola e 19,1% (32) das meninas não observaram tais atos. Somente 1 menino (0,7%) não respondeu a questão.

4.6.1 Sugestões para diminuir a violência na escola

Foi perguntado na questão 16- *O que a direção da escola poderia fazer para diminuir a violência na escola?* A maioria das sugestões referiu-se a ações punitivas, conforme informações da Figura 12.

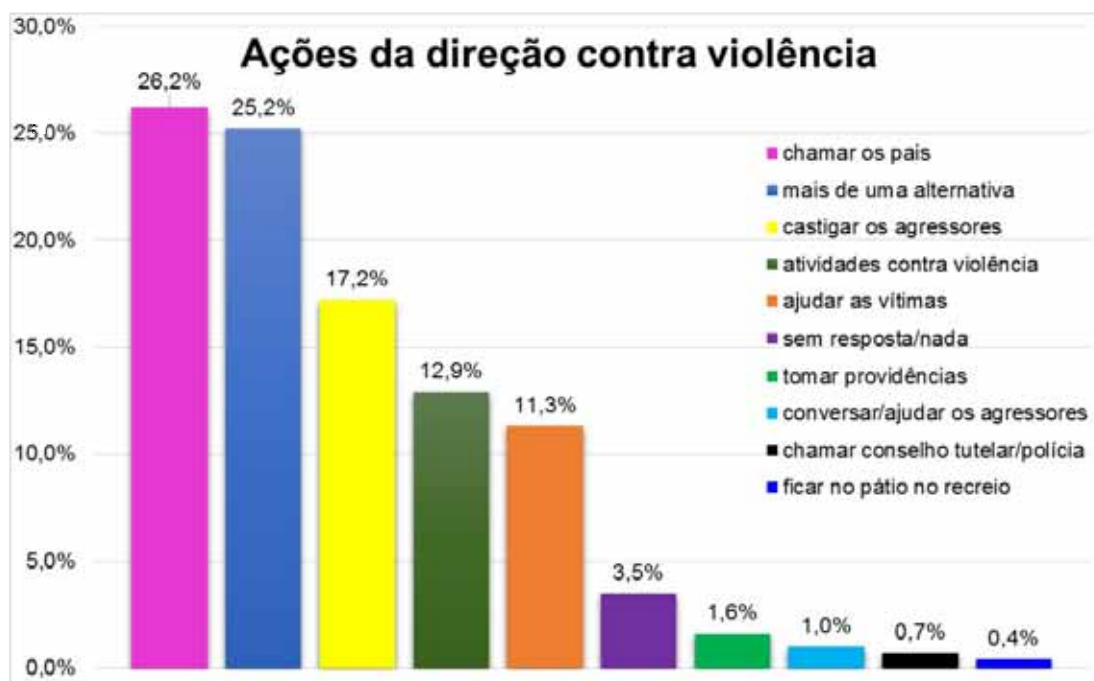


Figura 12 - Ações da direção contra violência

Foram sugeridas quatro opções as quais foram mais pontuadas, “chamar os pais dos alunos agressivos”: 26,2% (81); “castigar os agressores”: 17,2% (53), neste item foram somadas as respostas que remetiam a suspensão ou expulsão da escola; “atividades contra violência”: 12,9% (40) e “ajudar às vítimas”: 11,3% (35). Muitos alunos assinalaram “mais de uma alternativa”, o que somou 25,2% (78) das respostas; 3,5% (11) “não responderam” a questão ou disseram para “não fazerem nada”. No campo “outras”, os alunos preencheram ações curiosas, tais como: “tomar providências”: 1,6% (5); “conversar ou ajudar os agressores”: 1% (3); “chamar a polícia ou o Conselho Tutelar”: 0,7% (2); e que a direção da escola deveria “ficar no pátio durante o recreio”: 0,4% (1).

5 DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados os resultados encontrados no presente estudo e a sua relação com a literatura disponível. Para tanto, os objetivos são retomados em tópicos, facilitando a compreensão e discussão.

5.1 Caracterização do *bullying* em escolares de Ensino Fundamental

De acordo com o INEP (2014), existiam 15.036 alunos matriculados do 5º ao 9º ano em escolas estaduais e municipais na cidade de Bauru - SP em 2014. Considerando que o estudo foi realizado somente em duas escolas, com apenas 162 alunos da escola municipal e 147 da escola estadual, percebe-se grande incidência de casos de *bullying*, pois os resultados apontam que 27% (84 alunos) da população estudada envolveu-se em episódios de *bullying*, seja no papel de vítima, vítima agressora ou agressor, tais papéis são definidos por Silva (2010). Saúde (2011), cita resultados pesquisas europeias em que a incidência dos casos de *bullying* oscila entre 10% e 30% da população estudada, dados que corroboram com os encontrados no presente estudo.

Para comparar os resultados de diversas pesquisas deve-se levar em consideração a população e o contexto escolar, social e familiar dos envolvidos. Tendo em vista essa observação, percebe-se que a pesquisa de Lopes Neto (2005), que ocorreu no Estado do Rio de Janeiro, com 5.500 alunos, há mais de 10 anos, demonstrou grande ocorrência de casos de *bullying*, na qual o pesquisador comprovou que 40,5% dos alunos envolveram-se em atos de *bullying*, sendo 16,9% caracterizados como vítimas, 12,7% como agressores e 10,9% vítimas agressoras.

Mesmo entre as vítimas, os alunos responderam ter muitos amigos, 77% (239) assinalaram a resposta muitos (mais de 10 amigos); 22% (68) responderam ter poucos amigos (de 9 a 10 amigos) e somente 1% (2) alunos disseram não ter amigos. Olweus (1993b) afirma que de modo geral, as vítimas possuem menores habilidades de relacionamento, podendo ter pouca ou nenhuma amizade. No presente estudo não foi possível estabelecer essa relação, pois mesmo tendo muitos amigos, os alunos relataram sofrer *bullying*.

5.1.1 Tipo de *bullying* prevalente na população estudada

Na literatura, encontram-se pesquisas que afirmam que o *bullying* sofrido pelos meninos e meninas é diferente, pois elas, apresentam formas mais sutis de agressividade como fofoca e os meninos, são mais agressivos fisicamente (OLWEUS, 2003; TRAUTMANN, 2008; MARTINS 2009).

Lisboa (2005, p.20), aponta que

Na realidade, as diferenças entre os gêneros estão na forma de expressão da agressividade e não na função ou motivação da mesma. Não há razão ou evidência para acreditar que as mulheres são menos propensas a demonstrarem comportamento agressivo que os homens. As formas de comportamento agressivo podem estar relacionadas à aprendizagem social, considerando o papel social atribuído às mulheres nas culturas ocidentais.

Antes da aferição dos resultados, tinha-se como hipótese que as meninas sofriam mais *bullying* do tipo indireto (verbal, psicológicos e virtual) e os meninos do tipo direto (físico, material e sexual), devido a estudos anteriores e fatores sociais e culturais, porém, meninos e meninas participantes deste estudo, responderam em sua maioria que o tipo verbal (indireto) é o mais frequente, sendo 92% (34), de respostas femininas e 84% (27) masculinas. Em contraste, a pesquisa portuguesa de Melim e Pereira (2013), apontou os meninos como vítimas mais frequentes do *bullying* direto e as meninas no tipo indireto.

Ao apresentar o tipo de *bullying* sofrido, percebe-se que em todas as categorias destacam-se mais vítimas entre as meninas. Mesmo que não haja uma diferença estatisticamente significativa, exceto no tipo sexual (passar a mão em partes do corpo), os dados gerais sobre *bullying* são importantes e apontam que as meninas são mais agredidas. Neste sentido, Fante (2011), em um de seus estudos, no qual participaram 450 alunos do interior do Estado de São Paulo, relata que 10% dos participantes, foram vítimas de abusos sexuais (passar a mão nas genitálias masculinas ou femininas, nádegas e seios).

Saúde (2011), em sua revisão bibliográfica, concluiu que vários autores encontraram diferenças significativas entre condutas agressivas e o gênero, mas isso deve ser considerado como uma predominância e não como uma regra, em que meninos utilizam-se somente de violência direta e as meninas de forma indireta, visto que a agressão verbal, tende a ser a tipologia mais utilizada por ambos os gêneros, o que pôde ser confirmado com os dados deste estudo. Pode-se atribuir essa afirmação aos valores da sociedade moderna, na qual as mulheres buscam cada vez mais equiparar-se aos homens.

Embora o teste estatístico Manova tenha resultado diferença significativa entre quem faz *bullying* e o tipo virtual ($F= 3,29$; $p= 0,02$), mesmo sendo uma geração que convive conectada a redes sociais e em contato constante com a Internet e celulares, esse tipo foi o menos mencionado pelos participantes, onde somente 12% (4) dos meninos e 13% (5) das meninas responderam ter sofrido *bullying* virtual.

5.1.2 O *bullying* entre adolescentes, diferenças entre sexo masculino, feminino, escola municipal e estadual

Pesquisas revelam que os meninos geralmente agredem meninos e meninas, enquanto elas, agredem meninas. Meninos utilizam mais agressão física, ameaça verbal e são mais apontados como agressores. As meninas utilizam-se de estratégias mais “leves” como fofocas, apelidos, ignorar, excluir do grupo e oferecem mais suporte as vítimas (SHARP, SMITH, 1991; BOULTON, UNDERWOOD, 1992; GINI, POZZOLI, 2006). Tais achados descritos na literatura, foram confirmados com esta pesquisa, como consta na Tabela 5, em que 54% (37) das vítimas, são do sexo feminino e 46% (32), do sexo masculino; ambos agredidos mais por meninos que por meninas. Estes resultados também foram apontados por Bandeira (2009), onde os meninos envolvem-se em mais episódios de *bullying*, sendo apontados mais frequentemente na condição de agressores do que as meninas.

Seixas (2009), justifica que a diferença entre os comportamentos dá-se porque as meninas adquirem competências sociais de empatia e reconhecimento de vozes e rostos desde muito pequenas e suas brincadeiras (boneca, casinha) estão relacionadas a interações sociais e verbais, e os meninos escolhem e aprendem culturalmente brincadeiras físicas e mecânicas (lutas, bola, carrinhos).

Gómez Sanabria et al. (2007), concluíram em sua pesquisa, que existem mais agressores e vítimas entre os meninos e que são atacados apenas por meninos, enquanto as meninas, são agredidas tanto por meninas quanto por meninos. No presente estudo, considerando os dados isoladamente, sem contar com a categoria ambos, 53% (18) dos meninos, sofrem *bullying* praticado por meninos e 11% (4) deles, foram agredidos por meninas. Enquanto 44% (15) das meninas participantes são agredidas por meninos e 8% (3) por meninas. Os

dados divergem do estudo de Gómez Sanabria et al. (2007), pelo fato de os garotos serem agredidos por ambos os sexos e não exclusivamente por garotos.

Quando o foco é tipo de escola, os resultados desta investigação científica indicam que há mais relatos de *bullying* entre os alunos da escola estadual (B). Mesmo que não haja diferença estatística significativa, entre dados alcançados com os participantes da escola municipal (162) e os da escola estadual (147), tal informação deve ser salientada, pois nesta escola, o número de participantes foi menor e a quantidade de meninas, maior. Fato que confirma as pesquisas anteriores, em que os autores concluíram que as meninas são mais vítimas do que os meninos (OLWEUS, 2003; LIANG, FLISHER, LOMBARD, 2007). Uma variável que pode ter influenciado nos resultados: a escola municipal (A) é menor, tanto em espaço físico, quanto em quantidade de alunos por série; o que pode facilitar a supervisão dos alunos pelos professores e funcionários.

5.1.3 Local de maior ocorrência de eventos de *bullying*

Ao analisar os dados alcançados nesta pesquisa, no que se refere ao local em que os alunos mais sofreram *bullying*, verificou-se ser a sala de aula, ou seja, 49% (34) dos alunos foram vítimas neste ambiente, desta forma, presume-se que passar mais tempo em sala de aula do que em outros lugares aumenta a chance de ocorrer atos de *bullying* neste local. Mesmo que no recreio os alunos tenham mais “liberdade” e menos supervisão de adultos, são cerca de 5 minutos, ínfimos perto das 4 horas que passam em sala de aula.

Estes resultados encontram sustentação em outros estudos disponíveis na literatura, entre eles, cita-se o estudo de Lopes Neto (2005), no qual 60% dos 5.500 alunos participantes apontaram ser a sala de aula, o local em que mais sofreram *bullying*. Fante (2011), em três estudos distintos, em três diferentes cidades do interior paulista, com mais de 400 alunos participantes em cada um deles, também obteve resultados que apontaram a sala de aula como local prevalente para os episódios de *bullying*. Silva (2006), pesquisando sobre o *bullying* em escolares, constatou que os alunos optaram igualmente para as alternativas: sala de aula e recreio, como sendo as mais frequentes para as ocorrências.

Nogueira (2007) explica que a ocorrência dos episódios na sala de aula remete-se a crise de socialização que atinge a sociedade atual, os professores

não conseguem controlar as ações dos alunos e salienta que talvez os professores não saibam distinguir “brincadeiras” própria para a idade de atos violentos. A autora justifica que isso deve-se a dois fatores: primeiro que os professores são formados somente para ministrar suas matérias e segundo, eles assumem posturas de autoritarismo e intimidação que por vezes os levam a discriminar, depreciar e intimidar os alunos na frente de seus colegas.

5.1.4 Possíveis motivos que podem levar a episódios de *bullying*

Nos estudos publicados, encontram-se poucas referências sobre os motivos da vítima sofrer *bullying* ou porque o agressor provoca ou fere o colega. O estudo de Lopes Neto (2005), é um deles, no qual constatou que características físicas (estatura, peso) e limitações pessoais (timidez), podem gerar motivos para atitudes de preconceito e agressão. O presente estudo destaca-se ao apresentar essa informação tanto das vítimas, quanto dos agressores, embora seja difícil identificar esses papéis, pois dependendo da dinâmica e contexto, podem se inverter ou ocorrer simultaneamente (FRANCISCO, 2010; SAÚDE, 2011).

A maioria dos agressores, 54% (8), diz praticar *bullying* por ser “divertido ou legal”, 20% (3) fazem para “revidar”, 13% (2) afirmam que os “colegas são folgados, tontos ou chatos”. Na pesquisa de Fisher (2010), também constam essas justificativas de acordo com questionário aplicado entre pares. Percebe-se que as respostas são bem vagas e sem fundamento, a maneira que conseguem se expressar. Por não terem repertório para apresentar comportamentos socialmente aceitos, refletem modelos de comportamento de uma sociedade coercitiva que valoriza que ser agressivo funciona.

As vítimas agressoras apresentam comportamentos de defesa, pois 37,5% (3), afirmam xingar, apelidar ou agredir o colega para “revidar”; 12% (1) fazem por ser “divertido ou legal”. Embora metade dos alunos não tenha respondido a pergunta, percebe-se claramente, que não têm outro tipo de estratégia de enfrentamento a não ser revidar agressão com agressão. Ensino de enfrentamento de conflitos e incentivos a diminuição da agressividade podem ser alternativas para a diminuição dos casos e ações vingativas.

A aparência física foi o motivo mais apontado pelas vítimas, onde 17% (12) responderam sofrer *bullying* por serem: baixos; gordos; magros demais; narigudos; terem defeito nos olhos ou usarem óculos; feios; pela cor da pele ou

nacionalidade. Silva, Caramaschi e Valle (2014), também encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa realizada com 50 alunos, de ambos os sexos, com média de 13 anos. A maioria dos participantes apontou como possíveis vítimas de *bullying*, personagens com características de obesidade, estilo “emo” (cabelos, maquiagem e roupas pretas), deficiente físico (cadeirante) e quem usa óculos.

Parte das vítimas, 14,5% (10), responderam que os agressores fazem isso para “chamar atenção” e 9% (6) afirmaram que os agressores fazem isso, para “mostrar que são mais fortes ou melhores”, fato que remete aos reforçadores sociais, pois bater e fazer gracinhas, pode chamar atenção dos colegas, professores e diretores, que por sua vez podem chamar os pais para vir escola, e mesmo que de forma negativa, esse pai ou responsável estará diante do filho, oferecendo-lhe um momento único de atenção. Fisher (2010), apresenta respostas, nas quais os professores disseram que o agressor pratica atos de violência por status de dominação e autoafirmação e Munarin (2007), afirma que a passividade da vítima faz com que o agressor se sinta mais poderoso, favorecendo-o a praticar cada vez mais atos de *bullying*, mostrando superioridade e criando um clima de temor e liderança perante a turma.

As vítimas também disseram sofrer por “inveja”; porque “jogam mal”; por “serem estudiosos”; por “não ligar”; disseram ser “brincadeiras idiotas”; que os colegas “são safados”; ideias estas, que corroboram com o que Pereira (2002), Esperon (2004), Santos (2009) e Fante (2011), dizem sobre o *bullying*. Esses autores afirmam que os agressores têm prazer em ver o outro sofrer, que atacam indefesos e mais fracos e que suas “brincadeiras” podem magoar e atrapalhar o desenvolvimento saudável do indivíduo. Ao atacar os mais fracos, aumentam as chances de obter reforçadores sociais.

Dentre os comportamentos da vítima, encontram-se as repostas a pergunta 10- *Você falou sobre isso para alguém?* A maioria das respostas foram: “não falei para ninguém” 37% (26). Somente 20,3 % (14) contaram para os “pais”; 1,4% (1) contou para o “professor”; 1,4% (1) disse tanto para os “pais” quanto para o “professor”; 1,4% (1) para algum “funcionário da escola” e 1,4% (1) para o “psicólogo”. Essas respostas estão em consonância com os estudos de Bandeira (2009), em que somente 13,30% dos participantes disseram pedir ajuda para um adulto. A autora atribui esse baixo índice à vergonha ou medo de se expor e continuar sendo vítima.

Outro fator que contribui para que os alunos não comentem sobre os episódios aos professores, é que geralmente os adultos consideram as brincadeiras de mau gosto, como normais para a idade. Vale ressaltar, que os professores devem se atentar para situações de violência “camuflada” entre piadinhas e tapinhas que podem deixar os alunos chateados e traumatizados (FANTE, 2005; MUNARIN, 2007).

Percebe-se pelas respostas das vítimas, que 7% (5), sofre *bullying* porque “provoca”, porque “mexe com os colegas”, configurando o papel de vítima provocadora, que de acordo com Fante (2011), sem perceber provoca situações que acabam se revertendo contra si.

Inúmeras causas podem levar o agressor a cometer atos de violência contra os colegas. Em diversos estudos elas não aparecem ou pode não haver um motivo aparente, porém, neste, especificamente, alguns motivos ficaram evidentes tais como os elencados a seguir.

Na percepção das vítimas elas são agredidas pelos seguintes motivos:

- 1- Aparência física – as vítimas relataram sofrer *bullying* por ter problemas de visão, estatura, peso, pela cor da pele, feiura, etc;
- 2- Provoca – nesta categoria encontram-se as vítimas provocadoras, que apanham ou são xingadas por provocarem os colegas;
- 3- Inveja – as vítimas afirmaram que os agressores têm inveja delas por serem mais estudiosas, tiraram melhores notas, etc;
- 4- Não tem motivo – algumas vítimas afirmaram não ter motivo para serem xingadas ou agredidas;
- 5- Chamar atenção – as vítimas afirmaram que o agressor faz as brincadeiras, ameaças e agressões com o intuito de chamar a atenção dos outros para si;
- 6- Mostrar que é forte ou melhor – essa categoria, pode estar relacionada com a categoria chamar atenção, pois segundo as vítimas, o agressor quer aparecer.

Dentre os motivos que levam a vítima agressora e o agressor a praticarem *bullying* encontram-se:

- 1- Revidar – as vítimas agressoras utilizam-se da justificativa de apanharem ou serem xingadas, para fazerem o mesmo;
- 2- Diversão – tanto as vítimas agressoras quanto os agressores afirmam ser divertido xingar, colocar apelidos e brigar com os outros;

3- Colegas são chatos, folgados e safados – os alunos usam desse pretexto para bater ou agredir verbalmente os colegas.

A última questão do instrumento remetia o aluno a sugerir o que a direção da escola poderia fazer para diminuir os casos de violência. Nota-se que a maioria das alternativas referem-se a ações punitivas, isso pode dar-se ao fato de que os alunos estão acostumados com respostas coercitivas da sociedade.

Diante dos dados coletados neste estudo, é possível concluir que existe a presença do *bullying* entre escolares do Ensino Fundamental da cidade de Bauru - SP, na faixa etária entre 11 e 15 anos, sendo os alunos de 12, os mais atingidos. Evidenciou-se que o tipo de *bullying* mais frequente, foi o verbal, sofrido por meninos e meninas. No tipo sexual, a diferença foi acentuada, sendo a maior parte das vítimas do sexo feminino.

Verificou-se que tanto os meninos quanto as meninas sofreram *bullying*, mas quem mais praticou foram os meninos. Constatou-se que os atos de *bullying* foram praticados tanto pelos alunos da escola municipal como os da estadual, sendo a sala de aula, o local que alcançou a maior frequência.

Em geral, os alunos agressores procuram meios para chamar atenção, buscam popularidade e as vítimas são mais vulneráveis e tem baixa autoestima. Dentre os possíveis motivos que podem desencadear episódios de *bullying*, o mais prevalente é a aparência física.

5.2 Limitações do estudo e sugestões para novas investigações

Antes de optar-se pela confecção do instrumento para a coleta de dados deste estudo, cogitou-se em fazer uso dos mesmos instrumentos utilizados em pesquisas consolidadas, porém, a dificuldade foi encontrá-los completos e obter autorização dos autores para replicá-los. Percebeu-se ainda, que alguns instrumentos eram muito extensos e abrangiam questões referentes ao enfrentamento do *bullying*; colocar-se no lugar da vítima, do agressor ou espectador; apontavam correlações entre a percepção dos professores e o *bullying*; a autoestima, dentre outros itens que não estavam relacionados aos objetivos propostos.

Não obstante as contribuições deste estudo, também são reconhecidas suas limitações, desta forma, ao elaborar um instrumento próprio, correu-se o

risco de enfrentar situações imprevisíveis, porém, mesmo observando certas limitações, os objetivos propostos foram alcançados.

O Estudo Piloto favoreceu diferentes aspectos na fase da elaboração, mas o instrumento, não foi submetido a juízes da área, para melhor refinamento das informações. Na questão 8, por exemplo, detectou-se que as opções ficaram muito distantes, pois há um salto entre as respostas “1 vez”, “2 vezes” e “quase todos os dias” e “diariamente”, assim, para novos estudos, as opções devem ser revistas no sentido de oferecer alternativas que possam ser aferidas com maior precisão.

Através do instrumento foi possível identificar vítimas, vítimas agressoras e agressores, porém, o mesmo Ao basear-se no relato em vez de observação direta dos comportamentos, o pesquisador torna-se dependente da capacidade dos participantes no que se refere a discriminação do que sejam comportamentos agressivos ou não e também contar com a memória dos mesmos para lembrarem quantas vezes mesmo sofreram agressões, pode interferir nos resultados.

Observou-se durante a organização dos resultados, que para novos estudos que envolvam personagens de *bullying*, pode ser enriquecedor explorar os sentimentos desses alunos, saber o que o agressor sente ao prejudicar direta ou indiretamente um colega ou, o que sente a vítima. O instrumento não subsidiou a identificação do personagem espectador, que no fenômeno é muito importante, pois com seu apoio e suas risadas reforça as atitudes do agressor e na maioria dos casos omite ajuda as vítimas. Essas informações poderão auxiliar no oferecimento de estratégias de enfrentamento, autocontrole, entre outros.

Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, não houve tempo suficiente para oferecer uma devolutiva as escolas participantes, o que poderia enriquecer ainda mais as discussões.

Ainda que novas pesquisas sejam necessárias, certamente os dados aqui apresentados, podem proporcionar aspectos de reflexão para profissionais da educação, para que transformem o ambiente escolar, num contexto mais igualitário, através de ações que visem o respeito às diferenças, a empatia e valorização das amizades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chamar a atenção para aspectos relevantes sobre o *bullying*, as consequências para vítimas e agressores e que o fenômeno é realidade em muitas escolas, visa-se que instituições escolares e professores possam oferecer alternativas para a construção de uma escola que resgate os valores próprios de uma sociedade inclusiva.

Conter a indisciplina e conflitos através de punições e advertências não é o caminho para se obter a paz nas escolas. Desenvolver atitudes de democracia, valorização das amizades, respeito ao próximo, aos familiares e as regras, contribuirão para o desenvolvimento de cidadãos que farão a diferença na comunidade em que estiverem inseridos.

A escola do sonho é aquela em que o professor é bem remunerado, valorizado, ciente de seu papel, que considera as potencialidades do aluno, explora sua criticidade, auxilia nas suas dificuldades, contribui para elevar a autoestima do estudante e constrói um clima de respeito mútuo e tolerância às diferenças. Ali, os alunos prestam atenção nas instruções, realizam suas tarefas, ajudam-se mutuamente, estão preocupados com sua aprendizagem e como poderão colocar seus conhecimentos em prática em prol da humanidade. Vamos torná-la real?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. J. ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, v.41, n.2, p.107-118, 2007.
- BALDRY, A.C.; FARRINGTON, D.P. *Bullies and delinquents: Personal characteristics and parental styles*. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, v. 10, p.17-31, 2000.
- BANDEIRA, C. M. *Bullying: autoestima e diferenças de gênero*. 2009. 69 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.
- BEANE, A. L. *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora, 2006.
- BINSFELD, A. R.; LISBOA, C. S. M. Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona*. v. 4, n. 1, p. 74-105, 2010.
- BJORKQVIST, K.; LAGERSPETZ, K.; KAUKIAINEN, A. Do girls manipulate and boys fight? Development al trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive Behavior*, v.18, p.117-127. Finland, 1992.
- BJORKQVIST, K.; LAGERSPETZ, K.; OSTERMAN, K. *The direct and indirect aggression scales*. Finland: Abo Akademi University; Department of Social Scienses, 1992.
- BOENTE, A.; BRAGA, G. *Metodologia científica contemporânea*. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.
- BOULTON, M. J.; UNDERWOOD, K. Bully/victim problems among middle school children. *British Journal Educational Psychology*, 62, p.73-87. 1992.
- CALHAU, L.B. *Bullying: O que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. 2ª ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.
- CANIÇO, H.; BAIRRADA, P.; RODRÍGUEZ, E.; CARVALHO, A. *Novos tipos de família: Plano de cuidados*. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- CID, H. P.; DÍAZ M, A.; PÉREZ, M. V.; TORRUELLA, P. M.; VALDERRAMA, A. M. Agressión y violència em la escuela como factor de riesgo del aprendizaje escolar. *Ciencia y Enfermería*, v.14, n.2, p.21-30, 2008.
- ESPERON, P.S.M. Bullying - Comportamento agressivo entre colegas no ambiente escolar. *Pediatria Moderna*, v. XL, n.2, p.69-76, abril-mar, 2004.
- FANTE, C. *Fenômeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 6ª ed. Campinas: Verus, 2011.

FISHER, R.M. (coord). *Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final*. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/portals/0/pesquisabullying.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

FRANCISCO, M. V. *Percepções e formas de enfrentamento de adolescentes frente ao bullying*. 2010. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2010.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, v.19, n.2, p. 157-183. 2006.

GINI, G.; POZZOLI, T. The role of masculinity in children's bullying. *Sex Roles*, v. 54, p. 585-588. Italy, 2006.

GÓMEZ SANABRIA, A.; GALA, F.J.; LUPIANI, M.; BERNALTE, A.; MIRET, M.T.; LUPIANI, S.; BARRETO, M.C. El "bullying" y otras formas de violencia adolescente. *Cuad Med Forense*, 13(48-49), Abril-Jul, 2007.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Resultados Finais do Censo Escolar 2014*. Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

KENNY, M.C.; ALUEDE, O; MCEACHERN, A.G. Female bullying: Preventions and counseling interventions. Peer Victimization in Schools: An International Perspective. *Journal of Social Sciences*. Special Issue. n. 8, p. 13-19. Guest Editors, 2005.

LIANG, H., FLISHER, A. J., LOMBARD, C. J. Bullying, violence and risk behavior in South African school students. *Child Abuse & Neglect*, v. 31, p. 161-171, 2007.

LISBOA, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOPES NETO, A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. v. 81, n. 5. p. 164-172, Rio de Janeiro: SBP, 2005.

_____. *Bullying: Saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, A; SAAVEDRA, L. H. *Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2004.

MARTINS, M. J. D. Agressão e Vitimação entre Adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*. v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005.

Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

MARTINS, M. J. D. *Mau-tratos entre adolescents na escola*. Lisboa: Editorial, 2009.

MELIM, M.; PEREIRA, B. (2013) Bullying, Género e Idade. In P. SILVA S. SOUZA, I. NETO (Eds.). *O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional*. Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA.

MIDDELTON-MOZ, J., ZAWADSKI, M.L. *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MUNARIN, J. C. *A escola como espaço de convivência: a prevenção e a redução do bulismo escolar*. 2007. 179 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2007.

NOGUEIRA, R.M.C.D.P.A. *Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying escolar*. 2007. 258 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.

OLIVEIRA, J. M. *Indícios de casos de Bullying no Ensino Médio de Araraquara – SP*. 2007. 110 p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). UNIARA, Centro Universitário de Araraquara, Araraquara. 2007.

OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Blackwell, 1993a.

_____. Victimization by peers: Antecedents and long-term outcomes. In K. H. Rubin & J. B. Asendorf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness* (pp. 315- 341). Hillsdale, NJ: Erlbaum. 1993b.

_____. *Acoso Escolar, "Bullying", en las escuelas: hechos e intervenciones*. Centro de investigación para la promoción de la salud, Universidade de Berger, Noruega, 2003.

_____. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. 3. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

ORTEGA, R. Programas Educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o modelo Sevilha antiviolença escolar (SAVE). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 1, 2002, Brasília. *Desafios e Alternativas: violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003. p.79-110.

PEPLER, D.; CRAIG,W. *Making a Difference in bullying*. Disponível em <<http://www.melissainstitute.org/documents/MakingADifference.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

PEREIRA, B.O. *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e Tecnologia: Lisboa, 2002.

PINGOELLO, I. *Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula*. 2009. 143 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília. 2009.

ROLIM, M. *Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. 2008. 174 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

SANTA CATARINA (Estado). Lei 14.641/09 de 12 de janeiro de 2009. Institui o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 2009.

SANTOS, A.P.T. *A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação*. 2009. 237 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura). Faculdade de Comunicação e Educação. Universidade de Marília, Marília. 2009.

SANTOS, E. G. *Empatia e Bullying, em alunos do 4.º e do 6.º ano*. 2011. p. 110. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2011.

SAÚDE, A. C. *Bullying e Bem-estar Psicológico em alunos dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário*. 2011. 146 p. Dissertação (Mestrado de Psicologia da Educação). Faculdade de Psicologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2011.

SEIXAS, S.R. Diferenças de género nos comportamentos de bullying: contributos da neurobiologia. *Interações*. n.3, p. 63-97. 2009.

SHARP, S., SMITH, P. K. Bullying in UK schools: The DES Sheffield Bullying Project. *Early Child hood Development and Care*, v.77, p. 47-55. 1991.

SILVA, A. B. B. *Bullying: mentes perigosas na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, G.F.; CARAMASCHI, S.; VALLE, T.G.M. Características físicas das vítimas de bullying. In: *ANAIS XXI SEMANA DE PSICOLOGIA UNESP/BAURU-SP E VIII CONGRESSO DE PSICOLOGIA UNESP/BAURU-SP - Relações de poder e a psicologia como instrumento de transformação social*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, UNESP, 2014. 180 p. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5TOMBMBJM4cQWI6X0FaQXhueEU/view>>. Acesso em 15 jan. 2015.

SILVA, T. N. *Bullying: só quem vive sabe traduzir*. 2006. 131 p. Monografia (Graduação em Assistência Social). Escola de Serviço Social. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2006.

TOGNETTA, L. R. P. Violência da escola x violência na escola. In: *Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR – EDUCERE e o III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, PUC, 2008.

TRAUTMANN, A. Maltrato entre pares o “bullying”. Una visión actual. *Revista Chilena de Pediatría*, 79 (1), 13-20, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário sobre *bullying* – Estudo Piloto

Escola: _____

Série: _____

1- Você é:

<input type="checkbox"/>	menino	<input type="checkbox"/>	menina
--------------------------	--------	--------------------------	--------

2- Idade

<input type="checkbox"/>	10 anos	<input type="checkbox"/>	11 anos	<input type="checkbox"/>	12 anos	<input type="checkbox"/>	outra
--------------------------	---------	--------------------------	---------	--------------------------	---------	--------------------------	-------

3- Com quem você mora:

<input type="checkbox"/>	pai	<input type="checkbox"/>	mãe	<input type="checkbox"/>	irmãos	<input type="checkbox"/>	avós	<input type="checkbox"/>	tios	<input type="checkbox"/>	outros
--------------------------	-----	--------------------------	-----	--------------------------	--------	--------------------------	------	--------------------------	------	--------------------------	--------

4- Quantos irmãos você tem?

<input type="checkbox"/>	0	<input type="checkbox"/>	1	<input type="checkbox"/>	2	<input type="checkbox"/>	3	<input type="checkbox"/>	4 ou mais
--------------------------	---	--------------------------	---	--------------------------	---	--------------------------	---	--------------------------	-----------

5- Você tem quantos amigos na escola:

<input type="checkbox"/>	Muitos	<input type="checkbox"/>	Poucos	<input type="checkbox"/>	Nenhum
--------------------------	--------	--------------------------	--------	--------------------------	--------

6- O que já fazem ou fizeram com você na escola?

<input type="checkbox"/>	Soco
<input type="checkbox"/>	Chute
<input type="checkbox"/>	Pegaram seu lanche ou dinheiro
<input type="checkbox"/>	Riem de você
<input type="checkbox"/>	Ignoram sua presença
<input type="checkbox"/>	Deixam você fora dos jogos e brincadeiras
<input type="checkbox"/>	Xingos
<input type="checkbox"/>	Colocam-lhe apelidos
<input type="checkbox"/>	Empurrão
<input type="checkbox"/>	Ofendem pela Internet
<input type="checkbox"/>	Outros _____

7- Quem geralmente faz isso?

<input type="checkbox"/>	Menino
<input type="checkbox"/>	Menina
<input type="checkbox"/>	Grupo de meninos
<input type="checkbox"/>	Grupo de meninas
<input type="checkbox"/>	Outro. Quem? _____

4- Quantas vezes isso aconteceu?

<input type="checkbox"/>	Poucas vezes
<input type="checkbox"/>	Muitas vezes
<input type="checkbox"/>	Uma vez

5- Onde esses eventos acontecem?

<input type="checkbox"/>	No caminho
<input type="checkbox"/>	Entrada
<input type="checkbox"/>	Saída

- Sala de aula
 Recreio/Intervalo

10- Você já falou isso para alguém? Quem?

- Pai
 Mãe
 Outro familiar
 Amigo
 Professor
 Diretor
 Outro funcionário da escola
 Ninguém

11- Por que você acha que isso acontece? Escreva em poucas palavras.

--

12- Você já colocou apelidos feios, xingou ou brigou com alguém na escola?

- sim não

13- Quantas vezes isso aconteceu?

- Poucas vezes
 Muitas vezes
 Uma vez

14- Você faz isso com quem?

- Sozinho
 Com amigos
 Por quê? _____

15- Quem você acha que é mais violento na sua escola?

<input type="checkbox"/>	Meninos da sua sala
<input type="checkbox"/>	Meninas da sua sala
<input type="checkbox"/>	Alunos de outras salas mais velhos
<input type="checkbox"/>	Alunos de outras salas mais novos

16- O que a escola poderia fazer com esses alunos?

--

Obrigada!!!

APÊNDICE B - Questionário sobre *bullying* - Definitivo

Prezado (a) aluno (a), você recebeu esse questionário com algumas perguntas sobre a violência escolar. Por favor, responda com sinceridade e calma. Verifique se respondeu todas as questões antes de entregar. Se for necessário, poderá assinalar mais de uma resposta e acrescentar comentários.

Não coloque seu nome

Escola: _____ Série: _____

1- Você é: menino menina**2- Qual é sua idade?** 11 anos 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos outra
_____**3- Com quem você mora? Assinale todas alternativas que correspondem as pessoas que moram na sua casa.** pai mãe irmãos avós tios outros _____**4- Quantidade de irmãos:** 0 1 2 3 4 ou mais**5- Você tem quantos amigos na escola:** 0 1 a 9 mais de 10**6- O que fazem ou já fizeram a você na escola?**

- Batem (socos, murros, chutes), empurram e/ou machucam
- Xingam, colocam apelidos ofensivos e/ou riem de sua aparência
- Fofocam sobre você, deixam você fora dos jogos e brincadeiras, ignoram sua presença e/ou te ameaçam
- Quebram suas coisas e/ou pegam seu lanche, objetos ou dinheiro
- Ofendem pela Internet
- Assediam você (ex: passar a mão, beijar ou agarrar a força)
- Não fazem nada
- Outro. O que? _____

7- Quem geralmente faz isso?

- Meninos
- Meninas
- Ninguém

8- Quantas vezes isso acontece ou aconteceu neste ano?

- nunca
- 1 vez no ano
- 2 vezes
- quase todos os dias
- diariamente

9- Onde esses eventos acontecem:

- no caminho para escola ou casa
- na entrada ou saída da escola
- na sala de aula
- no recreio / intervalo

nenhum local

10- Você falou isso para alguém?

- ninguém
 amigo
 pai/mãe ou familiar
 professor (a)
 funcionário da escola
 outro _____

11-Por que você acha que isso acontece?

- devido a sua aparência. Explique _____
 por inveja
 para mostrar que é mais forte
 para aparecer / chamar atenção
 porque você provoca (mexe) com ele(a)
 não tem motivo
 outro _____
 não acontece

12- Você costuma colocar apelidos ofensivos, xingar ou brigar outros alunos na escola?

Sim Por quê? _____
Não

13- Quantas vezes isso acontece ou aconteceu este ano?

- nunca
 1 vez no ano
 2 vezes
 quase todos os dias
 diariamente

14-Você faz isso:

- Sozinho
 Com amigos
 Não faço

15- Quem você acha mais violento na sua escola?

- Meninos
 Meninas
 Não vejo nenhum ato violento na escola


16- O que a direção da escola poderia fazer para diminuir a violência na escola?

- Atividades contra a violência
 Chamar os pais dos alunos agressivos
 Oferecer ajuda aos alunos que sofrem violência
 Dar castigos aos agressores
 Outras _____

Obrigada!!!

ANEXOS

Anexo 1 - Parecer do Comitê Ético de Pesquisa

<p>"FACULDADE DE CIÊNCIAS CAMPUS DE BAURU/ UNESP - "JÚLIO DE MESQUITA</p> 	
<p>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</p>	
<p>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</p> <p>Título da Pesquisa: O fenômeno bullying em escolares do Ensino Fundamental Pesquisador: GILENE FERNANDA SILVA Área Temática: Versão: 3 CAAE: 22307513.5.0000.5398 Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p>	
<p>DADOS DO PARECER</p> <p>Número do Parecer: 645.822 Data da Relatoria: 08/05/2014</p>	
<p>Apresentação do Projeto: O projeto intitulado "o fenômeno bullying em escolares do 7º e do 8º ano do ensino Fundamental" possui o objetivo de caracterizar o bullying em escolas do 7º e 8º ano do ensino fundamental no referente a sexo, idade, local de ocorrência e tipos.</p>	
<p>Objetivo da Pesquisa: Caracterizar o bullying em escolas do 7º e 8º ano do ensino fundamental no referente a sexo, idade, local de ocorrência e tipos.</p>	
<p>Avaliação dos Riscos e Benefícios: A pesquisadora relata que a pesquisa não oferece riscos à saúde do escolar, mas poderá causar algum desconforto resultante de alguma questão investigada, mas que possibilitará condições para sanar. Os benefícios não são apresentados de forma clara.</p>	
<p>Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: O projeto possui relevância, haja vista que pretende caracterizar o bullying em escolares referente a vários aspectos.</p>	
<p>Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: O TCLE está adequadamente elaborado.</p>	
<p>Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 Bairro: CEP: 17.033-360 UF: SP Município: BAURU Telefone: (143)103-6087 Fax: (143)103-6087 E-mail: arimaia@fc.unesp.br</p>	
<p>Página 01 de 02</p>	

"FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU/ UNESP -
"JÚLIO DE MESQUITA



Continuação do Parecer: 645.822

Recomendações:

nada a declarar

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nada a declarar

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O parecer é favorável ao desenvolvimento da pesquisa. Os termos de apresentação obrigatória estão adequadamente elaborados e o projeto está dentro dos parâmetros apresentados pela resolução 466/12

BAURU, 13 de Maio de 2014

**Assinado por:
Ari Fernando Maia
(Coordenador)**

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (143)103-6087 Fax: (143)103-6087 E-mail: arimaia@fc.unesp.br

Anexo 2 - TCLE - Escola**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO****DIREÇÃO DA ESCOLA**

O(a) Sr.(a) está sendo convidado (a) a para participar da pesquisa: **O fenômeno *bullying* em escolares do Ensino Fundamental** que tem como objetivo caracterizar o *bullying* no referente a sexo, idade, local de ocorrência e tipos. Esta pesquisa faz parte do curso de Mestrado do Programa e Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru.

A pesquisa tem previsão de término até o final de 2014, as respostas dos alunos serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome dos mesmos não será pedido. Os dados coletados serão utilizados nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

A participação dos alunos será voluntária mediante consentimento dos pais ou responsáveis e a qualquer momento eles poderão recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em aceitar que a coleta seja feita em forma de questionários com os alunos das diversas salas.

O (a) Sr.(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para diversas áreas tais como Psicologia e Educação.

Entrego uma cópia deste termo onde consta o celular/ e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisadora Responsável
Gilene Fernanda Silva
Cel:
E-mail:

Bauru, __ de _____ de 2014.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

CARIMBO e ASSINATURA do responsável pela Instituição

Anexo 3 - TCLE - Pais**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO****PAIS/RESPONSÁVEIS**

Esta pesquisa está vinculada ao Programa e Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP - Campus de Bauru, conduzida pela pesquisadora Gilene Fernanda Silva, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Tânia Gracy Martins do Valle.

Título da pesquisa (provisório): O fenômeno *bullying* em escolares do Ensino Fundamental.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que a identificação dos participantes será tratada de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou dos alunos em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados serão utilizados nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em autorizar seu filho a participar da coleta que será feita em forma de questionário. O(A) Sr.(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A participação dos alunos será voluntária, mediante autorização e a qualquer momento eles poderão recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição.

Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para diversas áreas tais como Psicologia e Educação.

Ao final da pesquisa, prevista para fevereiro de 2015, os interessados em conhecer as conclusões, poderão entrar em contato com a pesquisadora requisitando o relatório final, uma cópia da dissertação também estará disponível para consulta na biblioteca da UNESP.

Desde já agradecemos por sua colaboração.

Pesquisadora Responsável

Gilene Fernanda Silva

Cel:

E-mail:

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO e autorizo a participação do(a) meu/minha filho(a) _____ no estudo proposto, sabendo que poderemos desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Data: ___/___/___

Assinatura do Responsável